



**MATTEO PERDEU
O EMPREGO**
GONÇALO M. TAVARES

DADOS DE COPYRIGHT

Sobre a obra:

A presente obra é disponibilizada pela equipe [X Livros](#) e seus diversos parceiros, com o objetivo de disponibilizar conteúdo para uso parcial em pesquisas e estudos acadêmicos, bem como o simples teste da qualidade da obra, com o fim exclusivo de compra futura.

É expressamente proibida e totalmente repudiável a venda, aluguel, ou quaisquer uso comercial do presente conteúdo

Sobre nós:

O [X Livros](#) e seus parceiros disponibilizam conteúdo de domínio público e propriedade intelectual de forma totalmente gratuita, por acreditar que o conhecimento e a educação devem ser acessíveis e livres a toda e qualquer pessoa. Você pode encontrar mais obras em nosso site: xlivros.com ou em qualquer um dos sites parceiros apresentados neste link.

Quando o mundo estiver unido na busca do conhecimento, e não lutando por dinheiro e poder, então nossa sociedade enfim evoluirá a um novo nível.

A história de Aaronson, Ashley, Baumann, Boiman, Camer, Cohen, Diamond, Einhorn, Glasser, Goldberg, Goldstein, Gottlieb, Greenberg, Greenfield, Helsel, Holzberg, Hornick, Horowitz, Indictor, Kashine, Kessler, Klein, Koen, Levy e Matteo

MATTEO PERDEU O EMPREGO

GONÇALO M. TAVARES

Matteo perdeu o emprego

Gonçalo M. Tavares

Publicado por:

Porto Editora, Lda.

Divisão Editorial Literária – Porto

Email: delporto@portoeditora.pt

© 2010, Gonçalo M. Tavares e Porto Editora, Lda.

Capa / Design Gráfico / Ilustração Fotográfica: Diogo Castro Guimarães
e Luis Maria Baptista

Revisão editorial: Luis Manuel Gaspar

Nota: os nomes das personagens têm origem num trabalho de Daniel Blaufuks.

1.ª edição em papel: Outubro de 2010

Reservados todos os direitos. Esta publicação não pode ser reproduzida, nem transmitida, no todo ou em parte, por qualquer processo electrónico, mecânico, fotocópia, gravação, sistema de armazenamento e disponibilização de informação ou outros, sem prévia autorização escrita da Editora.

 **Porto
Editora**

Rua da Restauração, 365
4099-023 Porto | Portugal

www.portoeditora.pt

ISBN 978-972-0-68013-6



A cópia ilegal viola os direitos dos autores.
Os prejudicados somos todos nós.

Índice

[Aaronson e a primeira rotunda](#)

[Ashley e a encomenda](#)

[Baumann e o lixo](#)

[Boiman e a observação](#)

[Camer e o inquérito](#)

[Cohen, o homem dos tiques](#)

[Diamond e o ensino](#)

[Einhorn e o hotel](#)

[Glasser e a bateria](#)

[Goldberg e as horas](#)

[Goldstein e a tabela periódica](#)

[Gottlieb e as costas](#)

[Greenberg e a cadeira eléctrica](#)

[Greenfield e as experiências científicas](#)

[Helsel e o armazém](#)

[Holzberg e a segunda rotunda](#)

[Hornick e o labirinto](#)

[Horowitz e a salvação](#)

[Indictor e o rapazinho](#)

[Kashine e o NÃO](#)

[Kessler e o barco](#)

[Klein e a loucura](#)

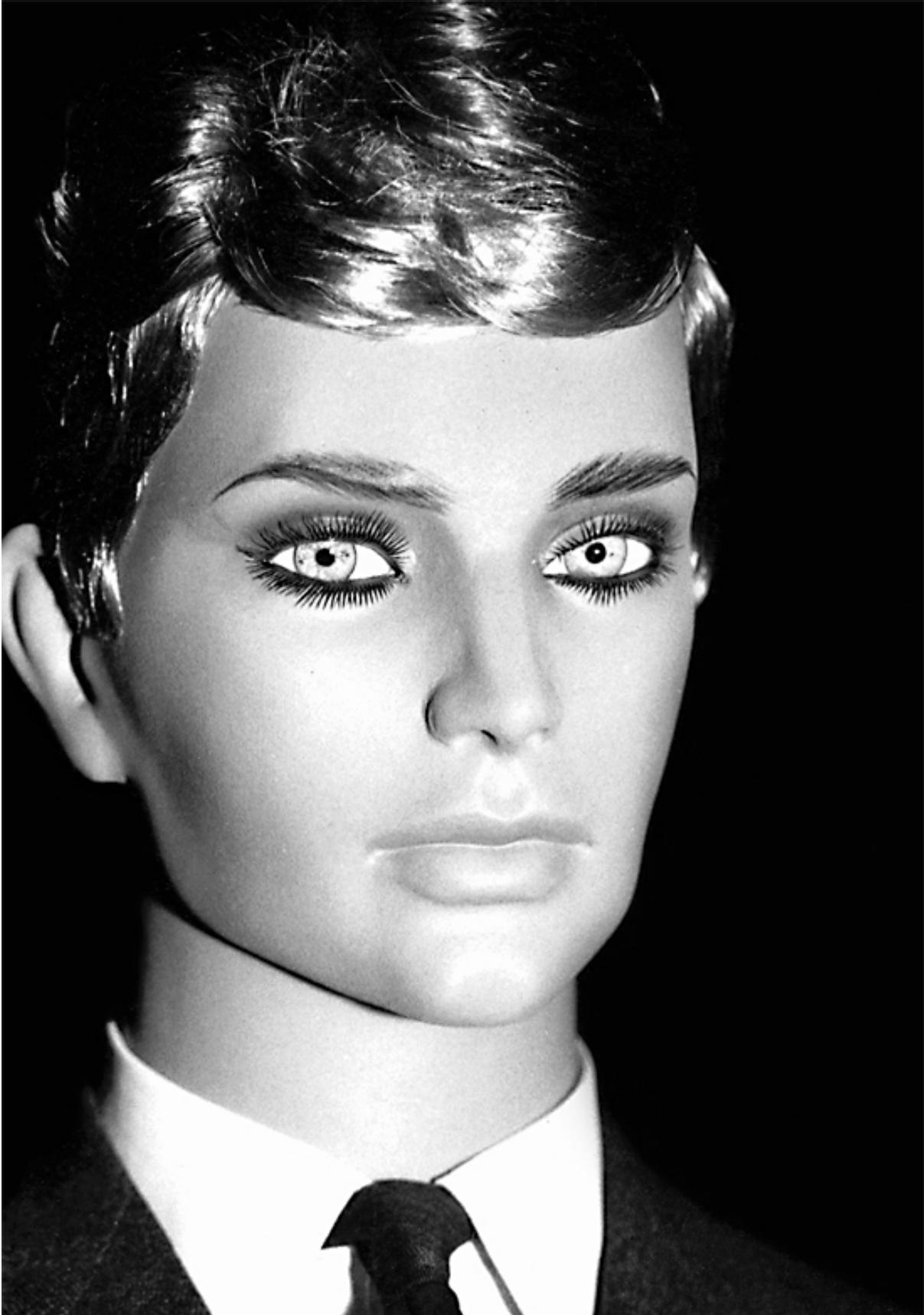
[Koen e a clareira](#)

[Levy e a floresta](#)

[Matteo perdeu o emprego](#)

[Nedermeyer e a primeira rotunda](#)

[Notas sobre Matteo perdeu o emprego \(posfácio\)](#)





Aaronson e a primeira rotunda

Nem sempre Aaronson esteve morto.

Num certo período, Aaronson foi mesmo, sem exagero, um ser vivo.

Entre os vinte e sete e os trinta anos Aaronson circulava – como um insecto obcecado – em torno de uma rotunda.

Todas as manhãs, um homem era visto, entre as sete e as sete e meia, a contornar a rotunda principal da cidade, rotunda onde desembocava sessenta por cento do tráfego.

Às sete da manhã o fumo dos automóveis era menor que ao fim da tarde, porém, mesmo assim, havia fumo, metal e ainda a velocidade de alguns automóveis. E ali, no meio, correndo risco de vida, um homem dava centenas de voltas à rotunda. Aaronson.

Qualquer hábito, qualquer repetição de um acto por mais absurdo que seja, rapidamente é absorvido: o excepcional transforma-se em poucas semanas; em certas circunstâncias bastam dias para que o monstruoso e o informe se faça

normalidade e hábito. No limite: facto a que não se dá atenção, paisagem.

Entre as sete e as sete e meia, os automobilistas que por hábito passavam pela rotunda já sabiam que, também por hábito, um homem, vestido a rigor com calções e camisola de atleta, circulava por ali. Centenas e centenas de vezes em redor da mesma rotunda, como um carro que não soubesse o caminho, que hesitasse entre seguir por uma direcção ou outra; que se deixasse estar por ali, à roda, não arriscando, não tomando uma opção. Enquanto estiver na rotunda não estou perdido, pelo menos não volto atrás. E eis um dos atractivos daquela circulação, circulação quase infinita não fora ela terminar com exactidão às trezentas voltas: em redor de uma rotunda ninguém volta atrás, ninguém se engana, ninguém tem de assumir o erro e fazer inversão de marcha. A vida, apesar de tudo, é fácil. Numa rotunda.

Ninguém gosta de ser humilhado e Aaronson (se fosse um automóvel) pelo menos não entrava na estrada errada. Trezentas voltas para ganhar balanço e depois o regresso a casa. *Não arrisques!* – parecia alguém dizer-lhe ao ouvido.

Falemos brevemente da rotunda: uma circunferência perfeita. Diâmetro: impossível saber ao certo, mas era exacto – um número sem arredondamentos.

Aaronson entre os vinte e sete e os trinta anos, no período em que corria entre as sete e as sete e meia da manhã à volta da rotunda principal da cidade, foi considerado apenas um louco previsível – o que é ser metade de um louco pois a previsibilidade divide o perigo em dois.

Alguns dias depois de fazer trinta anos deixou, no entanto, de fazer a sua corrida na rotunda.

Deixaram de o ver. E deixaram de o ver porque Aaronson morreu. E a cidade envergonha-se tanto de um corpo morto

que, no máximo, numa hora, o corpo desaparece. Se alguém quiser ver o corpo morto que se dirija pois ao sítio em causa, naquele período mínimo em que o morto está morto em plena cidade.

(Protegem-se mais os mortos que os vivos, mas a urbe tem as suas regras e os seus funcionamentos. A sua higiene, dir-se-á, e com razão.)

Aaronson morreu então da seguinte maneira: fizera trinta e um anos. Era um homem aparentemente normal, tirando aquilo, aquela corrida – mas algo estava ainda para ele incompleto. Uma vez o condutor de um carro, meses atrás, parara a máquina e perguntara: *porque está a correr aqui? É perigoso.*

Aaronson agradecera a preocupação. Não terá respondido nada de concreto, um simples: *porque gosto*, talvez. Terá encolhido os ombros e continuado a correr.

Mas naquele dia algo mudou. A decisão de Aaronson estava tomada.

Foi assim que ele morreu: às sete e meia da manhã avançou para a sua corrida habitual em volta da rotunda mas naquele dia, estranhamente, começou a correr no sentido oposto ao dos automóveis. No 3.º andar, **Nedermeyer** vê tudo da janela do apartamento que acabara de esvaziar por completo, na véspera, de móveis e objectos. De costas para a janela, de joelhos, está uma prostituta que há muito baixara as calças do Sr. Nedermeyer. Este, no entanto, mesmo naquela situação, não deixou de ver tudo o que aconteceu na rua. E passado uma hora estará na feira a vender velhas fotografias do seu casamento, que levará num envelope.

Por que razão naquele dia Aaronson decidiu mudar o sentido da sua corrida? A única pessoa que poderia responder já não fala.

Aaronson ainda deu cinco voltas completas à rotunda, mas na seguinte o automóvel guiado pelo Sr. **Ashley** bateu a grande velocidade no seu corpo, projectando-o, já sem vida, para o centro da rotunda. Não fosse o corpo humano ser tão pouco regular, Aaronson teria caído (ou a sua cabeça) no exacto centro da rotunda.





Ashley e a encomenda

Semelhante ao artista plástico que nunca está satisfeito com o quadro que pinta e, a cada dia, a cada momento, acrescenta algo, elimina outro algo, uma pincelada, depois outra, uma obsessão estúpida, interminável – Ashley cuidava do seu automóvel.

Nunca começava a conduzir antes de retocar algo: tirar o panfleto publicitário que alguém pusera entre o limpa-pára-brisas e o vidro do carro, com o dedo molhado limpar uma pequena nódoa, com o dedo indicador e com o polegar verificar a pressão dos pneus da frente, passar o dedo pela cicatriz metálica que um desastre de longa data deixara junto a uma das portas, etc.

Aos domingos, ao fim da manhã, Ashley abria o seu carro e com uma toalha branca limpava o que havia a limpar até a toalha ficar preta. Para além da questão material tratava-se de uma transformação espiritual: retirar por completo a sujidade dessa máquina que o levava a vários sítios do mundo.

(Auxiliar dos olhos, eis o carro – máquina que em uma hora nos aproxima das coisas que distam cem quilómetros e, aí chegados, podemos ver. Ver o que antes só podia ser contado.)

E uma vez aconteceu a Ashley isto: adormeceu. No momento seguinte, estava a entregar a encomenda.

Um embrulho meio disforme, que não deixava a mínima pista: o que estaria lá dentro? Bem, ele tinha uma tarefa: entregar a coisa sem forma que alguém embrulhara.

A morada de entrega estava clara; a rua bem explícita, e também o número: 217.

Que peso tinha o embrulho? Também não era fácil de definir: nem pesado, nem demasiado leve; dir-se-ia, se tal fosse possível, que por vezes parecia pesar muito e requerer muito esforço muscular de Ashley, outras vezes, pelo contrário, como que suspendia o seu próprio peso e quem o carregava fazia-o à vontade, despreocupadamente. Quase se poderia fazer um cálculo: a cada dez passos o peso alterava-se; o que Ashley leva na mão é muito pesado – exige as duas mãos e toda a tensão do pulso e, logo a seguir, nada: um homem, em certos momentos, até se esquece que tem mãos (tal a leveza).

Claro que esta mudança de peso poderia muito bem ser originada pela constante deslocação de atenção de Ashley. A sua cabeça, e com ela não apenas músculos e ossos mas o que de mais espiritual existe dentro dela, virava-se alternadamente para o embrulho e para o mundo. E nesta última posição mental o peso do embrulho desaparecia; como se ele levasse nas mãos um buraco.

Pois bem, cruzou a esquina e ali estava ele na rua certa, sem dúvida. Parou, leu o nome da rua, pensou no que uma vez o seu filho de quatro anos lhe havia perguntado: quem foi o escritor que escreveu o nome das ruas nas placas? e lembrou-se de ter pensado, naquele momento, que, sim, não era nada

fácil a tarefa de escrever um nome numa placa: exigia-se, pelo menos, um escritor que não tremesse.

Pois bem, o embrulho informe e de peso indefinido era para ser entregue no n.º 217. Não foi difícil. Por sorte absoluta e até imerecida, como o próprio Ashley pensou, ali estava mesmo à sua frente: o n.º 217. Era no 2.º andar. Subiu até lá, tocou à campainha. Uma senhora abriu a porta.

Sr. **Baumann**? – perguntou, estupidamente, Ashley.

Com condescendência a senhora respondeu que ela não era o Sr. Baumann e que não: ali não vivia nenhum Sr. Baumann.

Ashley insistiu – aquela era a morada, não havia dúvida, talvez um engano... Não esperavam ali uma encomenda?

O que é? – perguntou a senhora.

O Sr. Ashley respondeu que não sabia.

E, de qualquer maneira, aquela senhora não era o Sr. Baumann, por isso Ashley depois de se despedir educadamente, desceu as escadas e já de novo na rua olhou outra vez para o número do prédio. Sem dúvida: o n.º 217.

Algo falhara naquela encomenda. Ashley, um pouco perdido, sem saber o que fazer, foi avançando ao longo da rua. À medida que caminhava começou a sentir algo de estranho, como se estivesse a ser observado, como se alguém lhe fixasse os olhos na nuca; no entanto não havia pessoa alguma à janela, não se via ninguém.

Avançou mais um pouco e aquela sensação de estranheza não o abandonou: quem o observava? De repente levantou a cabeça e, por um instinto, fixou-se, sobressaltado, no número do prédio que estava agora à sua frente. Era o n.º 217. Parou. De imediato, umas passadas largas, quase em corrida para o lado esquerdo, na direcção de onde viera. Um prédio, ao lado de outro e de outro. Todos com o número 217. Mudou de sentido e começou a correr para o outro lado da rua. Nessa

altura deveria transportar já tanto espanto ou medo ou curiosidade dirigidos para o mundo que o embrulho parecia levar um objecto oco ou nem isso: o próprio embrulho era oco, como se ele levasse o embrulho de nada, ou melhor: nada a embrulhar nada. E o que ele via era isto: prédios e prédios, uns ao lado dos outros, uns mais antigos, outros novos, outros remodelados há pouco tempo. Mas algo os unia: o n.º 217.

Percorreu depois meticulosamente a rua de cima a baixo, de um lado ao outro: todos os prédios tinham o n.º 217. A rua era enorme. Centenas de prédios.

Olhou de novo para a encomenda que trazia nas mãos como quem procura socorro num objecto. A morada ali estava. Era aquela rua, sem dúvida. E era no n.º 217, 2.º andar. Porém, todos os prédios tinham segundo andar. A chave estava então no nome. Aquela encomenda era para entregar ao Sr. Baumann; certamente existiria um Baumann naquela rua.

Rodou de novo o seu corpo e começou desde o início.

Mais tarde ou mais cedo encontraria o Sr. Baumann, entregar-lhe-ia a encomenda e obrigá-lo-ia a responder à pergunta: o que tem dentro este embrulho?

Tudo isto, note-se, aconteceu no dia seguinte ao Sr. Ashley ter atropelado Aaronson, o corredor da rotunda.





Baumann e o lixo

Poderemos falar de comportamentos maníacos precisos, embora não enquadráveis em nenhuma doença que os médicos dominem o suficiente para a domesticar com a suavidade aparente de um nome.

O Sr. Baumann aproximava-se de um caixote do lixo público. Os seus pés nada denunciavam, mas havia já nele, antes de tocar no lixo, um cheiro nauseabundo que afastava amigos e até inimigos.

Baumann lavava o lixo. Pegava em cada uma das peças dos restos e dos vestígios que um caixote do lixo público vai guardando e limpava-os com toda a dedicação, como se estivesse a recuperar velharias que, depois de polidas e bem tratadas, valeriam ouro. A questão aqui é que as velharias eram restos: latas de refrigerantes torcidas, cascas de frutos, copos partidos, pedaços de vidro de que já era impossível conhecer a origem – que belos lábios poderiam ter tocado em

tempos estes cacos quando ainda não eram cacos? – utensílios de cozinha, por vezes objectos utilizados por amantes em período de excitação, etc.

Há quem diga que Baumann tinha sido historiador. E que aquela actividade maníaca, agora que passara dos setenta anos, era no fundo um vestígio perturbado dessa actividade de recuperação do passado, dessa actividade de dar atenção ao que os outros já deixaram para trás. Mas esta informação – sobre a anterior actividade profissional de Baumann – nunca foi confirmada.

O certo é que, ao fim do dia, Baumann ia com os seus utensílios, directamente, sem desvios, ao caixote do lixo público que se encontrava em frente do n.º 217 da rua G.

Os seus utensílios – as ferramentas de um louco: um balde preto com água que ele transportava com a mão esquerda e um vigor impressionante e, na outra mão, uma esponja de banho de pequenas dimensões, uma escova de dentes já velha, e ainda pequenos fios exactos e uma raspadeira. No fundo, a sua mão direita transportava a possibilidade de tarefas minuciosas – a escova de dentes, por exemplo – de tarefas mais grosseiras que exigem movimentos mais amplos – a esponja de banho – e de tarefas mais exigentes a nível físico – raspadeira, etc.

Com estes utensílios ele limpava o lixo.

Com o balde pousado no chão, começava a limpar primeiro com a esponja de banho, depois com a escova de dentes nas pequenas reentrâncias da lata de refrigerante.

Baumann trazia ainda uma toalha branca, essa espécie de relógio que assinalava o tempo através da cor – pois quando ficava totalmente preta substituía um possível sinal sonoro, que

ali não existia. A toalha que antes era branca estava agora completamente suja, preta. Era o sinal para parar. Nenhum outro chamamento convenceria Baumann a regressar a casa.

Onde morava Baumann? Como saber?

O Sr. **Boiman** (que por vezes abrandava o passo para observar os gestos concentrados de Baumann limpando o que sobrava de uma casca de um fruto como se tratasse de uma jarra preciosa e não de uma casca de um fruto) já uma vez lhe perguntara onde morava, mas o maníaco – podemos tratá-lo assim –, o maníaco Baumann apenas respondera:

– *No número 217,*
o que não ajudara.

De qualquer modo, não eram muitas as peças que Baumann resgatava, por um lado do caixote do lixo, se virmos a questão a nível espacial e puramente físico, por outro lado do esquecimento, impedindo assim que aqueles restos desaparecessem, esmagados por uma máquina; sem dúvida, uma máquina de esmagar, de anular e de fazer desaparecer o passado. Essas máquinas que, de vinte restos, de vinte coisas diferentes, faziam, em poucos segundos, uma única coisa, um único resto de nada – matéria indivisível e informe que podia anular para sempre uma importante história de traição, vingança ou amor ou, simplesmente, o resto de uma narrativa de tédio.

Por vezes, uma tarde de trabalho (uma hora, não mais) permitia a Baumann levar para casa, ou para qualquer outro sítio que ninguém ainda sabia localizar, entre dez a quinze peças – chamemos-lhe assim. Eram, como dissemos já, restos de coisas orgânicas ou por vezes não. Para Baumann não havia diferença entre o pedaço de metal e o pedaço de casca. Baumann transportava todos esses objectos resgatados num saco de plástico. E, quando se afastava do caixote do lixo

público, transportava com tal satisfação aqueles restos que se poderia pensar que ali avançava o dono de uma loja de antiguidades que, num golpe de sorte ou génio, encontrara no lixo preciosidades históricas que, depois de recuperadas, valeriam ouro.

Um dia Boiman decidiu seguir Baumann: queria perceber para onde este levava os objectos resgatados do lixo.





Boiman e a observação

Mas nada é fácil. Baumann entrou para o que, de fora, parecia ser uma oficina. E Boiman ficou à espera, balançando entre o estar escondido e a sua curiosidade.

Baumann, o louco, saiu. Levava um outro saco na mão, mas agora pressentia-se algo de diferente lá dentro – Boiman seguiu-o.

Ao contrário do saco nojento onde trouxera o lixo, este era novo – e não cheirava. Boiman, à distância, sentia algo mais forte que um cheiro saído do lixo ou da higiene; sentia a aura, utilizemos esta palavra, que persegue objectos limpos, aura que os persegue protegendo.

Baumann também mudara de roupa.

Boiman via então isto: um homem vestido normalmente levava na normal mão direita um saco normal.

Baumann entrou no supermercado, Boiman seguiu-o.

Discreto, observou tudo.

Baumann, com a prudência possível, colocou primeiro, na prateleira, no meio das outras latas mais ou menos iguais, o que poderia ao longe parecer uma lata de refrigerante. O mesmo fez com uma casca de fruta que claramente enchera de algo e cosera.

Baumann resgatara o lixo, recuperara-o como um restaurador de quadros antigos. E tentava agora colocar de novo aqueles produtos em circulação. Como se o ciclo pudesse recomeçar, assim, à força.

Boiman saiu do supermercado antes de Baumann. Já vira o suficiente. Baumann continuaria a querer refazer algo que já não era possível refazer. Acabaria preso ou humilhado. É justo, pensou Boiman.

De súbito, o Sr. Boiman vê-se obrigado a parar. À sua frente um homem com uns papéis e uma esferográfica na mão. Apresenta-se:

Camer.

E estende-lhe a mão.

Camer, se esse era o seu nome, tinha nas mãos um inquérito. Não houve qualquer preâmbulo, nem a delicadeza de perguntar se Boiman estaria interessado em responder:

Alguma vez sentiu vontade de matar alguém?

Boiman respondeu:

Sim, claro.





Camer e o inquérito

Camer repetiu: Sim, e fez uma cruz no SIM do seu inquérito.
Sente-se feliz quando odeia?
Boiman pensou um pouco. Tentou ser sincero; por vezes não, mas a maior parte das vezes:
SIM!
Já maltratou animais?
Sim.
Já fez bem a algum animal?
Não. Não gosto de animais. Cresci em plena cidade, sem animais à volta. Nunca gostei de animais.
Camer fez um sinal delicado a Boiman. Não eram necessárias justificações. Sim, não.
De resto, o próprio questionário não tinha espaço para mais.
Mesmo que alguém dissesse coisas extraordinárias – murmurou Camer, como que justificando um pouco a sua ligeira impetuosidade anterior – não teria espaço para escrever. Vê? – e Camer mostrou o seu questionário a Boiman – Sim, Não; e

um quadrado à frente; e nesse quadrado podemos apenas traçar (ou não) uma cruz. Simples, não lhe parece?

Boiman pediu delicadamente uma folha daquele questionário. Para fazer uma experiência, disse.

Pediu também a caneta a Camer. Este passou-lha para a mão, gentil. Boiman debruçou-se sobre o questionário – foi assim que pareceu a Camer – como alguém que inclina o seu corpo e um dos seus olhos sobre um microscópio. Era essa a tensão evidente em Boiman – a tensão frente ao mínimo, ao minúsculo.

Boiman ergueu a cabeça, como que a sair de dentro de água. Não se afogou, pensou para si próprio Camer. Sim, não se afogara. Mas que fizera ele?

Camer tinha agora o questionário na mão. Olhou com atenção. Aquele homem conseguira escrever, com uma letra minúscula absolutamente inacreditável, uma longa frase no também minúsculo quadrado que só estava concebido para receber uma cruz.

Que escreveu aqui? Não consigo ler – perguntou Camer, curioso.

Só respondo sim, não – murmurou Boiman, irónico –, mas por extenso.

É um poema – acrescentou Boiman – sim, não.

Camer não insistiu.

Camer fez ainda sete perguntas:

1 – Fez algo de que se arrepende?

- 2 – Arrepende-se de não ter feito algo?
 - 3 – Acredita que os seus valores morais são melhores que os dos outros?
 - 4 – Para si é claro que o ouvido pode decidir mais conflitos do que a visão?
 - 5 – Se perdesse um olho por acidente manteria as suas opiniões sobre o mundo?
 - 6 – Se ninguém estivesse a ver, se não existisse a mais ínfima possibilidade de ser descoberto, e se tivesse uma lâmina na mão, destruiria para sempre uma obra-prima da pintura?
- E, por fim, Camer perguntou:
- 7 – Conhece o homem dos tiques, **Cohen**?





Cohen, o homem dos tiques

O número de tiques de Cohen era impressionante. E as suas origens, as mais variadas. E as suas consequências, ainda, imprevisíveis. Façamos uma taxinomia.

Havia nele tiques *normalizados* – visíveis todos os dias e em qualquer situação.

Havia outros tiques *conjunturais*: por exemplo, o seu olho esquerdo começava a tremer e a piscar quando alguém lhe dirigia a palavra.

E havia ainda tiques *imprevisíveis* – que não estavam, ou não pareciam, associados a nenhum acontecimento específico.

Por exemplo, por vezes torcia a boca para o lado esquerdo, como se estivesse a ter um espasmo, como se aquele fosse o seu último momento, o último rosto antes de a morte o levar.

Quem não o conhecesse poderia ter, de facto, essa sensação, mas quem conhecia Cohen, perante essa face torcida, apenas esperaria com paciência que o rosto voltasse ao normal; como se aquilo fosse uma onda enorme que atrás de si revelaria o mar calmo. Os amigos de Cohen estavam já pois treinados

para esperar, para não interpretar de imediato o seu rosto como se faz sempre nos momentos sociais. Estava-se perante alguém que mentia involuntariamente e sem palavras – apenas com gestos e expressões da face.

E, sim, teremos de utilizar aqui este nome: copropraxia, a repetição de gestos obscenos, mas repetição involuntária – eis a definição. Bem, que fazia Cohen, o homem dos tiques? Certos dias, não sempre, mas certos dias ao passar por uma mulher, qualquer que fosse a sua idade, aparência, etc., Cohen colocava a sua mão direita nos genitais e com força balançava-a de um lado para o outro. E tudo isto era feito, repita-se, involuntariamente (que tal se torne claro, incontestável). Cohen não queria fazer aquilo, era a sua mão que o fazia. Instantes depois, segundos apenas, pedia desculpas, envergonhado. E sentia-se o mais infeliz dos homens: aquele que nem o próprio corpo consegue controlar.

Cohen era alguém que dominava por completo a cabeça ou, pelo menos, a parte da cabeça que se liga aos actos voluntários. Não era louco. Pelo contrário, Cohen ensinava na Faculdade de Letras. Era um respeitado professor; também gozado, claro, mas respeitado intelectualmente pelos seus escritos, pelos seus estudos – a escrita era, de facto, a única maneira de ele estar presente sem o seu corpo o deixar embaraçado, o seu corpo indócil e incontrolável. Aliás, em Cohen a dedicação crescente à escrita era consequência dessa inabilidade estrutural do corpo. Quando escrevia não tinha tiques ou, pelo menos, se os tivesse era um daqueles lá em cima, nas sobrancelhas – o de as levantar várias vezes. Mas,

sem espectadores, sem testemunhas, esse tique era nada – e nada o envergonhava. Escrever era, pois, para Cohen, o lugar para onde fugia quando queria fugir, não dos outros nem da cidade, mas do corpo ou da consciência de que o seu corpo falhava. Por vezes brincava consigo próprio pensando se a copropraxia surgiria no momento em que, nos seus textos de ficção, descrevesse uma mulher – mas como é evidente, não. Estava protegido na escrita.

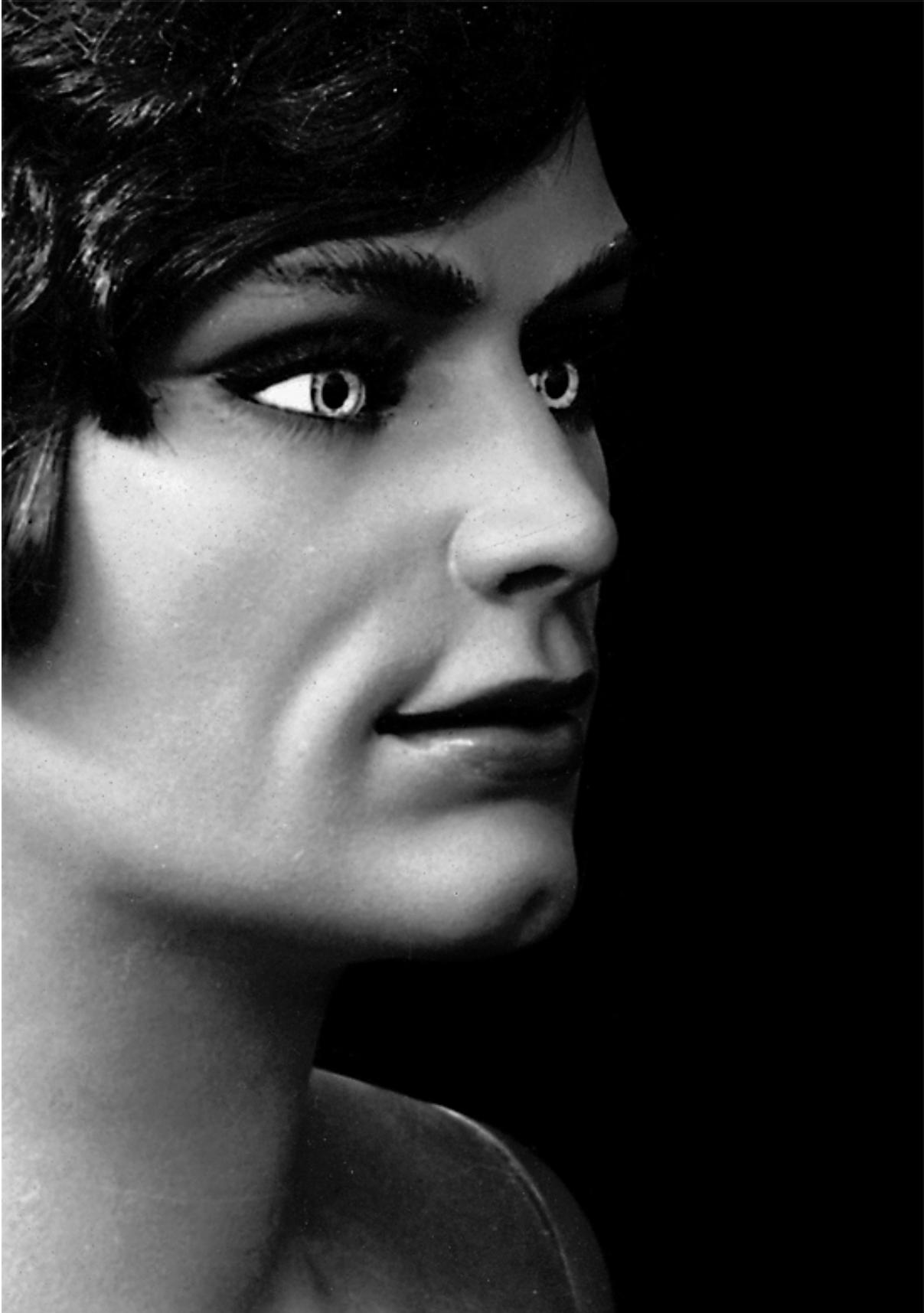
Os vizinhos e vizinhas conheciam já os tiques, conheciam a sua profissão respeitada enquanto professor de letras e agora, nos últimos anos, enquanto escritor. Quanto às senhoras, essas conheciam, também há muitos anos, a sua doença, a sua incapacidade para controlar o corpo, e conheciam até as explicações científicas, explicações que o próprio Cohen entregara às pessoas com quem se cruzara. Artigos científicos de revistas especializadas que explicavam aquele seu problema, problema que ele descrevera vezes sem conta oralmente mas que ali, num artigo, ganhava outra força.

Porém, mesmo então, as senhoras que há muitos anos conheciam a doença e a sua explicação científica (copropraxia, copropraxia!), quando o professor de letras, ao passar por elas, colocava obscenamente as mãos nos genitais, não conseguiam deixar de pensar que agora, naquele momento pelo menos, aquilo fora intencional, voluntário! Era difícil conceber gestos assim tão meticulosos como sendo gestos em que a vontade não tinha opinião. Por esta incapacidade de entender por completo a doença, Cohen vivia com uma aura negativa em seu redor, e poucos eram os que dele se aproximavam.

Ninguém – e como isso era compreensível – queria estar por perto quando Cohen fizesse aquele gesto a uma mulher.

Cohen era assim uma pessoa solitária e por isso recebeu com certa estranheza o convite de um homem, **Diamond**, que vivia em Londres – convidava-o para passar duas semanas em sua casa. Tinham-se conhecido numa conferência onde os tiques de Cohen em poucos minutos haviam ficado totalmente expostos. Os seus involuntários gestos obscenos eram pois bem conhecidos de Diamond.

Diamond era o primeiro a convidar Cohen para umas vulgares férias em conjunto. Cohen hesitava.





Diamond e o ensino

Há dois anos acontecera isto a Diamond, professor primário. No lado oposto da escola existia a cantina de uma empresa. O lixo sempre fora para um pátio comum às duas instituições e havia tarefeiros que diariamente o recolhiam. Esses tarefeiros deixaram de ser pagos pela empresa e a escola não tinha meios para pagar. Os tarefeiros fizeram greve.

Não recolheram o lixo um dia, e no dia seguinte e no dia seguinte, etc. Houve um braço-de-ferro: os professores recusaram, os pais também. Ninguém tocava no lixo. Esse era um outro ofício, não o deles.

O lixo começou a acumular-se.

Primeiro no pátio da escola. Os caixotes do lixo, os pequenos recipientes originais, pareciam em pouco tempo ter a dimensão de um objecto minúsculo, de um copo. Em quatro dias, o lixo acumulava-se dois ou três metros em redor do recipiente inicial.

E a coisa não parou.

Os tarefeiros continuaram a sua greve. O lixo começou a estender-se e a subir (horizontal/vertical). Os vivos faziam lixo e as crianças eram ainda mais vivos que os vivos: faziam mais lixo.

Ao nível do rés-do-chão, as janelas das salas que davam para o pátio já há muito sentiam o cheiro e agora, duas semanas depois, já se conseguia ver isto: o lixo subia de nível – era uma enchente, uma lenta inundação.

Os dias passaram. O cheiro era cada vez mais intenso e o pátio estava quase fechado à força pelos restos das coisas. A cada dia que passava ficava mais difícil alguém ter coragem para começar a limpar aquilo tudo. Por onde começar?

Há muito se abandonara o pátio, área já conquistada pelo inimigo – aquela parte da escola estava perdida.

Ninguém se atrevia a abrir a janela. As salas do rés-do-chão estavam tapadas por sacos pretos do lixo. No rés-do-chão – dizia-se, num tom entre o divertido e o trágico – é sempre de noite. O dia desaparecera – era uma noite permanente e, ainda para mais, fedia.

No outro lado do átrio, das janelas mais altas, viam-se funcionários a atirar mais um saco de lixo. Já não havia chão e

à quinta semana o lixo subira a uma altura de mais de seis metros. A noite permanente e malcheirosa chegara ao 1.º andar.

Duas semanas depois, os alunos da quarta classe, no 2.º andar, viram essa noite – que o lixo trazia – surgir discretamente. Primeiro, um saco, depois outro e, depois, duas semanas apenas para os sacos se comprimirem contra os vidros. Noite de horrível cheiro e com uma materialidade que nenhuma outra noite tinha: os sacos do lixo empurravam os vidros, faziam pressão sobre as janelas, parecendo, afinal, seres vivos, invasores que tentavam, por todos os meios, entrar na sala de aulas. O lixo quer aprender, disse o professor Diamond aos seus alunos. Quer aprender a ler.

Esta observação, quase lúdica, em breve se tornou uma frase tensa, que metia medo.

Diga-se que Diamond, naqueles dias em que deu aulas com as janelas totalmente fechadas, uma ou outra vez se pôs a pensar se aquilo não seria uma tentativa de regresso à civilização por parte dos próprios materiais, dos restos que existiam no lixo. Porque o que estava naqueles sacos era o que muitos haviam expulsado do mundo humano; era o considerado já inútil e, por isso, com uma natureza que não a humana. O lixo era para pôr fora, para pôr longe, para afastar da cidade.

E assim Diamond tinha a ideia fixa de que o lixo queria regressar a esse mundo através de uma das suas marcas mais fortes: a alfabetização. O lixo quer aprender a ler para mostrar

que não merece ser expulso, e que ainda pertence ao mundo civilizado. Assim pensava e assim pensou ainda Diamond, quando a certa altura a concentração dos sacos no pátio e a pressão exterior sobre a janela foi tanta que alguns sacos, em conjunto, quebraram um vidro e, pela primeira vez, de uma forma absolutamente dramática para Diamond e para os seus alunos, o lixo e o fedor de uma matéria, que se degradava a cada dia, entrou em plena sala de aula.

O que lhe aconteceu a ele, no 2.º andar, acontecera, dias atrás, aos outros seus colegas dos andares inferiores. Os vidros não tinham suportado a pressão e o lixo começara a entrar nas salas.

Apesar da forma brutal como o lixo entrara na sala, quebrando um dos vidros, dali não resultara qualquer ferimento. Há muito que o professor Diamond afastara as carteiras dos seus alunos para o lado oposto.

Mas o que agora havia a fazer era isto: continuar o movimento já iniciado. Os alunos deslocavam-se cada vez mais para o lado oposto às janelas.

O corredor próximo da janela estava já todo coberto de lixo. Mas no centro e no lado esquerdo da sala a verdadeira civilização não parava, como Diamond fazia questão de repetir. E, assim, nesse lado, Diamond ensinava as formas verbais complexas e tentava que os alunos apreendessem algumas noções de história.

A inundação porém não tinha fim. Algures, num outro lado, a produ o de lixo continuava. L  de cima, do céu (não havia

outra referência), a intervalos quase sincronizados, caía um saco cheio de lixo. Quem fazia aquilo? Será que naqueles andares do topo não se tinha a noção de que em baixo estava uma escola, agora praticamente soterrada?

Mas que importância tem uma explicação quando é urgente fazer algo? (Diga-se que quanto aos sacos nada havia a fazer: a tentativa de retirar um saco do lixo da sala para o exterior falhava. Os sacos que enchiam o pátio funcionavam como uma parede. E nenhuma matéria atravessa uma parede.)

Todos os outros professores, entretanto, tinham desistido. A escola estava deserta. Os andares de baixo, completamente invadidos pelo lixo, haviam sido evacuados. Mas Diamond recusara-se a ceder. Tornara claro que continuaria a dar aulas e a marcar faltas aos alunos que não comparecessem. Quem não viesse às aulas, não passaria de ano.

Com dificuldades, saltando sacos de lixo fechados e tentando não escorregar em alguns detritos que tinham saído de sacos já rompidos, tanto os alunos como o professor Diamond lá chegavam pontualmente às nove horas à sua sala cada vez mais diminuta, cada vez mais transformada num corredor – o corredor oposto às janelas onde o lixo se acumulava como num armazém. E era nesse corredor, num corredor com largura máxima de dois metros, que se concentravam agora vinte e duas crianças e um professor; um professor teimoso, Diamond. Um professor que queria provar que a barbárie nunca poderia vencer a persistência da civilização.

Às nove da manhã, com lenços a proteger o nariz e o rosto, professor e alunos começavam o acto de resistência.

Diamond dizia: – Bom dia, como se o dia fosse um dia normal. E os alunos afastavam um ou outro saco que desde a véspera tivesse invadido o corredor.

Três quartos da sala estavam já ocupados pelos sacos de lixo, mas faltava aquele último espaço. E era nele, nessa fatia de espaço sobrevivente, que todos, muito juntos uns dos outros – vinte e dois alunos, vinte e duas crianças, continuavam a ouvir o professor Diamond que, contra todas as expectativas, conseguiu acabar o ano como previsto, ensinando o que o manual exigia. E dali, daquela sala, dos alunos de Diamond, haviam saído, não vinte e dois alunos para o ano seguinte, mas sim vinte e dois homens para o mundo. E desses vinte e dois alunos que, com Diamond, tinham resistido até ao fim – sem uma única desistência – agora já homens, se dizia que não eram homens normais, mas sim elementos de outro calibre. Deles se dizia, em voz baixa e retomando a lenda antiga, que agora, já adultos, eram afinal os vinte e dois homens que evitavam que o mundo sucumbisse.

Cada um seguiu o seu caminho, a sua profissão; muitos mudaram de terra, de país, mas, se por acaso se cruzavam, de imediato reconheciam-se. E até os outros homens quando se cruzavam com um deles murmuravam: este é um dos vinte e dois, uma das vinte e duas crianças.

E sim, tal era ainda mais verdade depois de o professor Diamond morrer: aqueles vinte e dois homens estavam vivos para resistir.

Um desses vinte e dois homens chamava-se **Einhorn**, e era porteiro.





Einhorn e o hotel

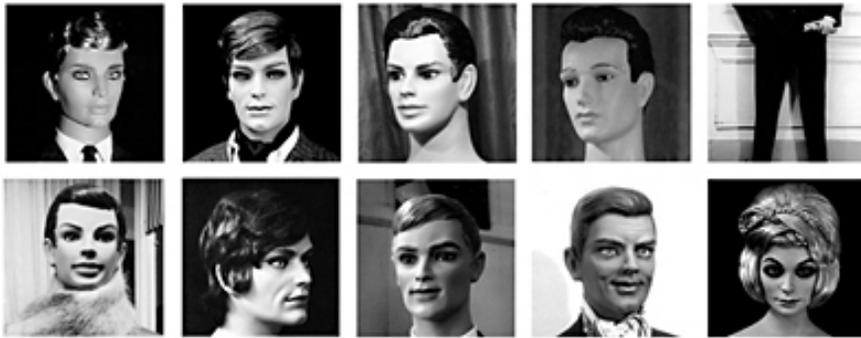
Pode um homem forte, um dos vinte e dois que mantêm o mundo ainda bípede e racional, pode um desses homens estar à porta de um hotel de pouca categoria? Sim, é a resposta.

Einhorn era, então, dono de uma pequena residencial que, sem pudores desnecessários, poderíamos classificar como bordel. Tinha quartos por onde passavam dezenas de homens pela mesma cama no mesmo dia – e uma única mulher.

Einhorn estava à porta e aí dizia *bom dia*, discretamente. Já depois, lá dentro, atrás do balcão, recebia o dinheiro do cliente, dinheiro que mais tarde dividiria com a prostituta. Divisão desigual, claro: vinte por cento para a mulher, oitenta por cento para Einhorn que era o proprietário da pensão e tinha despesas.

Nesta noite, por coincidência, nesta noite que relatamos, Einhorn recebe uma das mais estranhas visitas de sempre àquele bordel tão pacato – a de **Glasser**.





Glasser e a bateria

Um homem dos seus quarenta anos avançou porta dentro trazendo atrás de si algo e alguém. O alguém, facilmente se percebeu, era um rapazito que empurrava num carrinho de mão um objecto – uma máquina, percebeu-se depois. Com umas moedas, o rapazito desapareceu. O homem, esse, chamava-se Glasser e do seu peito saía um fio eléctrico que o ligava a uma enorme bateria, de mais de vinte quilos. Era uma bateria de camião.

– É o meu coração artificial – explicou Glasser. – Já fazem mais pequenos, mas este funciona.

Einhorn ia dizer algo, mas Glasser perguntou de imediato:

– Tem alguma disponível?

Einhorn mostrou-lhe o pequeno catálogo. *Esta e esta* – apontou.

Glasser escolheu a de cabelo preto.

– É no 1.º andar.

– Precisava de ajuda para levar a bateria até lá cima – disse Glasser.

Einhorn aproximou-se da bateria, desviou o fio que saía do pedaço de metal e que terminava no peito do homem e, com um movimento súbito, levantou aquele peso tremendo.

– Vamos – disse, ofegante.

Os dois começaram, pois, a subir as escadas. Muito devagar. À frente ia aquele homem, Glasser. Atrás, Einhorn carregando o coração artificial do seu cliente. Como em qualquer outro carregamento, a marcha avançava ao ritmo do mais lento, que era Einhorn devido ao peso que carregava. À frente, Glasser, segurando no fio que lhe saía do peito, avançava, degrau a degrau, cuidadosamente; e, assim, naquele momento quem parecia doente, ou pelo menos em claras dificuldades, era o robusto Einhorn.

A meio das escadas que davam acesso ao 1.º andar, Einhorn pediu para parar. Pousou a bateria no chão. Estava cansado.

– Quanto é que disse que isto pesava?

– Vinte quilos, penso eu – respondeu Glasser – mas nunca o pesei.

Quando Einhorn se preparava para agarrar de novo na bateria, do cimo das escadas surgiu uma voz feminina. A mulher, a prostituta, estava já de frente para aquilo, para aquela pequena excursão. Já tinha sido avisada que vinha um cliente, mas o barulho da subida fora tal que ela não se contivera. Queria perceber o que aí vinha.

Entre o indignada e o assustada perguntou o que era aquilo. O cliente Glasser não falou, foi Einhorn quem disse:

– É um coração artificial. Mas tudo o resto funciona bem – e riu grosseiramente.

Glasser também sorriu.

Einhorn apontou então a direcção do quarto à mulher, e ela foi. Não disse uma palavra.

Uns segundos depois da gargalhada, Einhorn sentiu as forças recuperadas. Disse: *vamos*; e, com os gestos de um carregador de móveis, baixou-se e: *upa!*, disse. Levantou então a bateria ao mesmo tempo que, cuidadoso, Glasser continuava a segurar no fio eléctrico que lhe saía do peito.

– O perigo é se você escorrega, percebe? A bateria vai consigo e eu fico sozinho. E sem bateria não resisto.

Einhorn não respondeu. O esforço era tanto que ele estava noutro mundo, no do puro esforço físico. Não ouvia nada.

Chegaram lá acima, ao primeiro andar, e Einhorn murmurou: *em frente* – num sinal de que agora era até ao fim, não pousaria de novo a bateria. Até ao quarto, sem pausas!

No quarto, a prostituta esperava já sentada em cima da cama, com vestes mínimas. A sua face estava branca, assustada.

Glasser foi o primeiro a entrar, segurando, junto ao peito, o fio eléctrico. Menos de um metro a seguir, a menos do que a distância de um braço, entra o proprietário Einhorn com as costas curvadas pelo peso da bateria e com suor na testa.

O cliente Glasser pagara três vezes o preço normal, mas naquele exacto instante, momentos antes de largar o peso que a cada segundo parecia aumentar, Einhorn arrependia-se de não ter cobrado mais.

O proprietário Einhorn terá então, naquela altura, murmurado um *Onde?*, quase servil (muito semelhante ao que poderia ter sido dito pelo rapaz que levara a bateria num carrinho de mão até àquela casa). E em Glasser terá surgido o

impulso de aproximar a mão do bolso para tirar de lá umas moedas, porém controlou-se, e evitou o gesto – que seria ofensivo.

– Aqui? – perguntou Einhorn em esforço, dirigindo a questão agora para os dois – para Glasser e para a prostituta.

Esta, agora, de facto, já intervinha fisicamente, pois era necessário colocar a bateria suficientemente perto da cama de modo a que o cliente Glasser pudesse consumir a relação sexual sem se separar do seu coração mecânico. Glasser deu instruções e a bateria (15 volts, dissera Glasser) ficou no chão, mais ou menos entre a cabeceira e os pés da cama, o mais próximo possível – de modo a que Glasser tivesse tamanho de fio suficiente para se mexer, como era previsível, em cima da mulher, mas sem que esses movimentos fossem suficientes para partir a ligação do fio à bateria. A bateria estava, pois, no chão, mas o fio eléctrico continuava para cima dos lençóis até perto do cliente.

Einhorn, liberto daquele peso, respirou fundo; estava exausto. Por sua iniciativa, empurrou – com pés e mãos – uns centímetros mais a bateria para debaixo da cama. Assim?, perguntou.

Glasser respondeu que estava perfeito.

– Deixo-vos então a sós – murmurou Einhorn, educado.

Dirigiu-se depois para a porta do quarto e fechou-a atrás de si. Parou, no entanto, uns metros mais à frente e pôs-se a tentar escutar o que vinha lá de dentro. Uma outra prostituta, de um quarto do fundo, perguntava por gestos se se podia aproximar. Estava curiosa. Porém, com a mão, o proprietário Einhorn fez um sinal para ela se manter afastada.

Einhorn, entretanto, ficou ali, parado, a dois metros da porta, completamente imóvel, tentando não respirar e concentrando-se totalmente nos sons que vinham do quarto. Depois de uns

sons indistintos que nada revelavam, surgiram finalmente lá de dentro os sons que Einhorn bem conhecia: o homem grunhia e, de vez em quando, a mulher soltava um pequeno gemido; o refrão de uma canção que Einhorn conhecia de cor. Estava exausto, mas tudo correria bem.

Quinze minutos depois, a campainha do quarto tocou: a prostituta **Goldberg** chamava. Habitualmente, depois de consumado o acto, o cliente saía sem o mínimo de alvoroço. Naquela situação, porém, a menina Goldberg precisava de ajuda.

Einhorn subiu de novo. Nos minutos anteriores, receara que pudesse acontecer o pior e que o coração do cliente Glasser não suportasse a intensidade daquela operação sobre uma prostituta ainda em plena forma. Mas tudo terminara bem.

A menina Goldberg abriu, entretanto, a porta do quarto. Junto à cama, vestido, mas sem poder mexer-se, estava o cliente Glasser, sorridente.

Einhorn estava tão cansado que pediu à menina Goldberg que o ajudasse. Só com um roupão por cima da roupa íntima, a menina Goldberg, cheia de energia e boa vontade, ofereceu-se para ir à frente, carregando – na pior das posições – o peso da bateria. A menina Goldberg descia assim de costas cada degrau, suportando com tenacidade os vinte ou mais quilos. Um degrau acima, o proprietário Einhorn pegava no lado oposto da bateria (o seu esforço, diga-se, era bem menor); mesmo junto ao proprietário Einhorn descia o cliente Glasser. Sempre atento, não deixava que aqueles dois se afastassem de si. Sabia bem que no meio daquela estranha procissão estava o essencial da sua existência.





Goldberg e as horas

Depois do trabalho, a prostituta Goldberg já na rua, vestida como qualquer outra mulher, cruzou-se com o cego **Goldstein** que conhecia bem e com quem convivera várias vezes no bordel, mas que naquele momento fingiu desconhecer. (O que, como é evidente, dadas as circunstâncias deste encontro público, foi retribuído.)

A prostituta Goldberg perguntou as horas e o Sr. Goldstein respondeu. O Sr. Goldstein tinha um relógio em linguagem Braille que adorava exibir e a menina Goldberg sabia disso, daí a sua pergunta (gostava de agradar ao velho Goldstein).

Goldstein, diga-se, era alguém que tinha dinheiro suficiente para exigir simpatia de qualquer pessoa.





Goldstein e a tabela periódica

Passara já dos cinquenta anos e ficara cego aos vinte e dois com um acidente. Para além de uma enorme fortuna que herdara e de em tempos ter frequentado o bordel de Einhorn – Goldstein andava à procura de Escândio, uma das substâncias mais raras do universo.

No bolso, Goldstein trazia sempre a tabela periódica de Mendeleev. Por vezes, confundindo-se com um turista que desenrolasse o mapa da cidade, Goldstein tirava do bolso um papel grosso e desdobrava-o várias vezes revelando a famosa tabela periódica dos elementos químicos. Tabela que Goldstein, sendo cego, não poderia ver, mas que com os seus olhos vazios fixava quase demencialmente – como alguém que, perdido há muitas horas, fixa de novo, esperançado, a bússola e o mapa.

Goldstein repetia vezes sem conta a história de que no funeral de Mendeleev, em São Petersburgo, dois homens

levavam à frente do seu caixão, como se fosse a bandeira de um país ou de um partido, a tabela periódica dos elementos que ele inventara.

A ambição de Goldstein não era a de acrescentar um elemento a essa tabela, mas apenas a de encontrar, concentrados, milhares de gramas de Escândio. (Ele próprio não o procurava. Como era milionário, comprava Escândio. Parecia querer compensar a sua cegueira com a aquisição desta substância minúscula e muito rara.)

Nos seus devaneios, Goldstein pensava no interior do próprio caixão: o corpo rodeado de milhares de gramas de Escândio, essa substância rara. A utopia de Goldstein: que no seu caixão pudesse ir tanta quantidade de Escândio como a que existia no resto do mundo.

A fixação do cego Goldstein era bem conhecida. O proprietário do bordel, Einhorn, informado desta mania, aquando das visitas de Goldstein murmurava, brincando: *Aqui não temos Escândio*, sabendo ele que o senhor Goldstein estava ali à procura de um prazer físico bem concreto – e não de Escândio, essa miudeza.

– Ródio, irídio, selênio, ósmio, eis alguns dos rivais do Escândio – dizia Goldstein, que tentava transmitir aos outros o seu amor às substâncias pequenas e raras.

Para além destes pecadilhos, Goldstein guardava um segredo maior.

Até àquela idade, o cego e milionário Goldstein escondera a sua homossexualidade. Desde há quatro anos que tinha um

jovem amante a quem pagava uma avença mensal absolutamente acima dos preços normais. O amante chamava-se **Gottlieb** e Goldstein exigira-lhe algo que justificava o valor da avença: a pedido do cego Goldstein, o seu amante Gottlieb fizera nas costas uma tatuagem da tabela periódica de Mendeleev em Braille.

De qualquer maneira, quando Gottlieb se despia à frente de outras pessoas ninguém percebia o que ele tinha nas costas. O que era evidente para as mãos do cego Goldstein – estava ali, completa (e actualizada sempre que necessário), a tabela periódica dos elementos químicos – para os outros, que não davam sentido a uma tatuagem tocando mas sim olhando, aquilo não era verdadeiramente uma tatuagem pois não tinha desenhos, palavras ou traços – não havia um único signo reconhecível. Quem observasse com atenção as costas de Gottlieb veria apenas marcas que facilmente seriam confundidas com cicatrizes. Uma concentração de manchas na pele que pareciam denunciar uma qualquer doença desconhecida e, por isso, quase aterradora – eis o que os olhos normais viam nas costas do jovem Gottlieb.

Gottlieb merecia tudo o que recebia do velho Goldstein, mais não fosse pelo facto de ter abdicado por completo da beleza das suas costas. Esse facto, que se poderia esconder em situações normais, na cidade, estaria no entanto ali para sempre, à vista e ao toque de qualquer outro amante.

Diga-se que esta passividade de Gottlieb não fora apenas um negócio. Quando Gottlieb aceitara fazer a tatuagem estava apaixonado pelo velho Goldstein, homem que, embora cego, mantinha uma pose invejável.

Passados alguns anos, Gottlieb já se tinha arrependido, mas a coisa estava feita: nas costas trazia a tabela dos elementos de Mendeleev. Nas suas costas trazia, então, literalmente um segredo, que era também uma maldição, de que jamais se libertaria. Até porque a mania do velho Goldstein pela tabela era de tal forma conhecida que, se alguém, um dia, percebesse que o jovem Gottlieb tinha nas costas a tabela, ainda para mais com a substância Escândio como que realçada – numa espécie de sublinhado táctil – perceberia, de imediato, por que parte da cidade andara durante anos, e secretamente, o corpo do velho cego Goldstein.

Mas o mundo é vasto e a vida longa. E Gottlieb teve muita vida, apesar das marcas nas costas.





Gottlieb e as costas

Mas para onde quer que se virasse, eis que estava lá: a marca nas costas. Virava-se para o Ocidente e a marca nas costas seguia-o. Virava-se para Oriente e a marca nas costas seguia-o. Curvava a cabeça em direcção à terra e, atrás dele, a marca. Levantava a cabeça e dirigia os olhos, tanto quanto é possível, para o céu e, atrás dele, impassível, sempre: a marca nas costas.

Eis o que sentia Gottlieb depois de se afastar de Goldstein e ainda muito tempo depois de Goldstein morrer: sentia-se perseguido, sem pausas. O perseguido era ele e o perseguidor estava em si próprio. Não era ele que se perseguia, mas era nele que estava o que o perseguia: a tatuagem da tabela de Mendeleev.

Gottlieb teve uma vida dura. Tornou-se um prostituto.

Rapidamente as suas costas se tornaram fetiches, costas com altos e baixos. Que significa isto?, perguntavam-lhe vezes

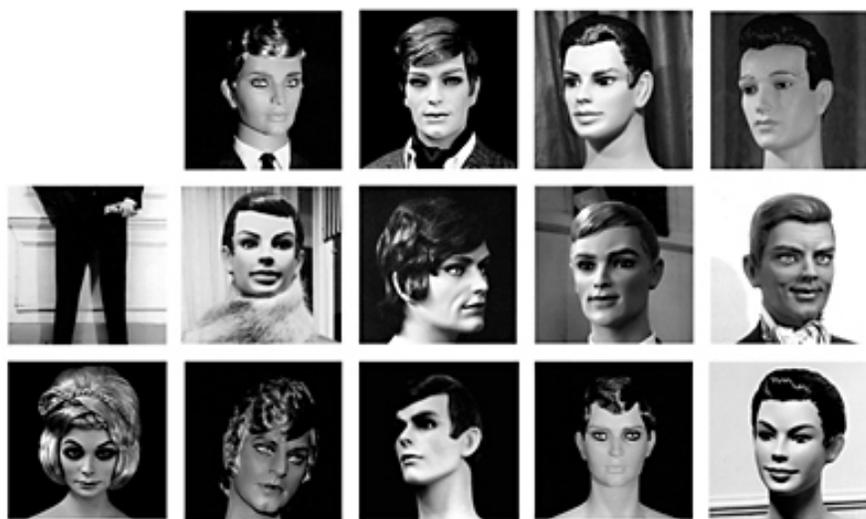
sem conta. E depois de muitas respostas falsas, um certo dia, Gottlieb disse a verdade. E a verdade teve um efeito impressionante. Aquela notícia circulou. Os clientes aumentaram bruscamente. Aquele homem tinha tatuada, em Braille, a tabela periódica nas costas.

A noite que terminou com a vida de Gottlieb começou de modo romântico com um jantar. Um homem com muito dinheiro.

Mais tarde no quarto esse homem exigiu de mais. Gottlieb não quis. O outro insistiu. Subitamente, começou uma luta que a princípio quase parecia amorosa mas rapidamente caiu noutro mundo e noutro tempo – no mundo em que se tem tanto medo e excitação que, no limite, se mata.

Gottlieb matou aquele homem. Gottlieb, depois, quis saber o nome verdadeiro do assassinado. Procurou na sua carteira. Encontrou o bilhete de identidade. O homem que acabara de matar chamava-se **Greenberg** – um bonito nome.





Greenberg e a cadeira eléctrica

Ao ler este nome no bilhete de identidade, ao fazer corresponder a fotografia do cartão à cara que a menos de um metro de si estava já morta, Gottlieb sentiu algo estranho – como se alguém, num ambiente social e tranquilo, o estivesse a apresentar a um morto: eis Greenberg, eis Gottlieb. Mas agora um está morto e o outro é o assassino.

Gottlieb foi descoberto, foi preso, foi condenado à morte.

Greenberg, esse, não pôde ver a morte de quem o assassinara. E tal, sendo regra, não deixa de ser uma injustiça.

Gottlieb está agora próximo da cadeira eléctrica.

Senta-se, e dois homens rodeiam-no como se estivessem a tratar dele: cuidadosos, com o tom de enfermeiros, pegando-lhe gentilmente nos braços, perguntando repetidamente se o estão a magoar.

Um dos homens que ali estava, a cumprir ordens, chamava-se **Greenfield**. Foi este homem que apertou a fivela do cinto para que Gottlieb, com o choque, não caísse. De facto, não caiu; e o tal Greenfield esboçou um pequeno sorriso de satisfação, de que logo se arrependeu. Ali, naquele momento, não é esse o seu papel.





Greenfield e as experiências científicas

Nem sempre Greenfield trabalhara como funcionário do Instituto Presidiário.

Aquela seria, sem dúvida, a sua última profissão – pois em breve se reformaria – mas antes tivera inúmeros ofícios. Entre eles, talvez o mais marcante tivesse sido o trabalho num laboratório científico. Nesse laboratório faziam experiências com chimpanzés e a Greenfield ficavam entregues as tarefas mais duras: estava encarregado de dar a injeção letal, e era ainda ele que puxava depois os braços e as pernas do chimpanzé ao longo da mesa em que faziam a dissecação, as análises e as experiências com o animal.

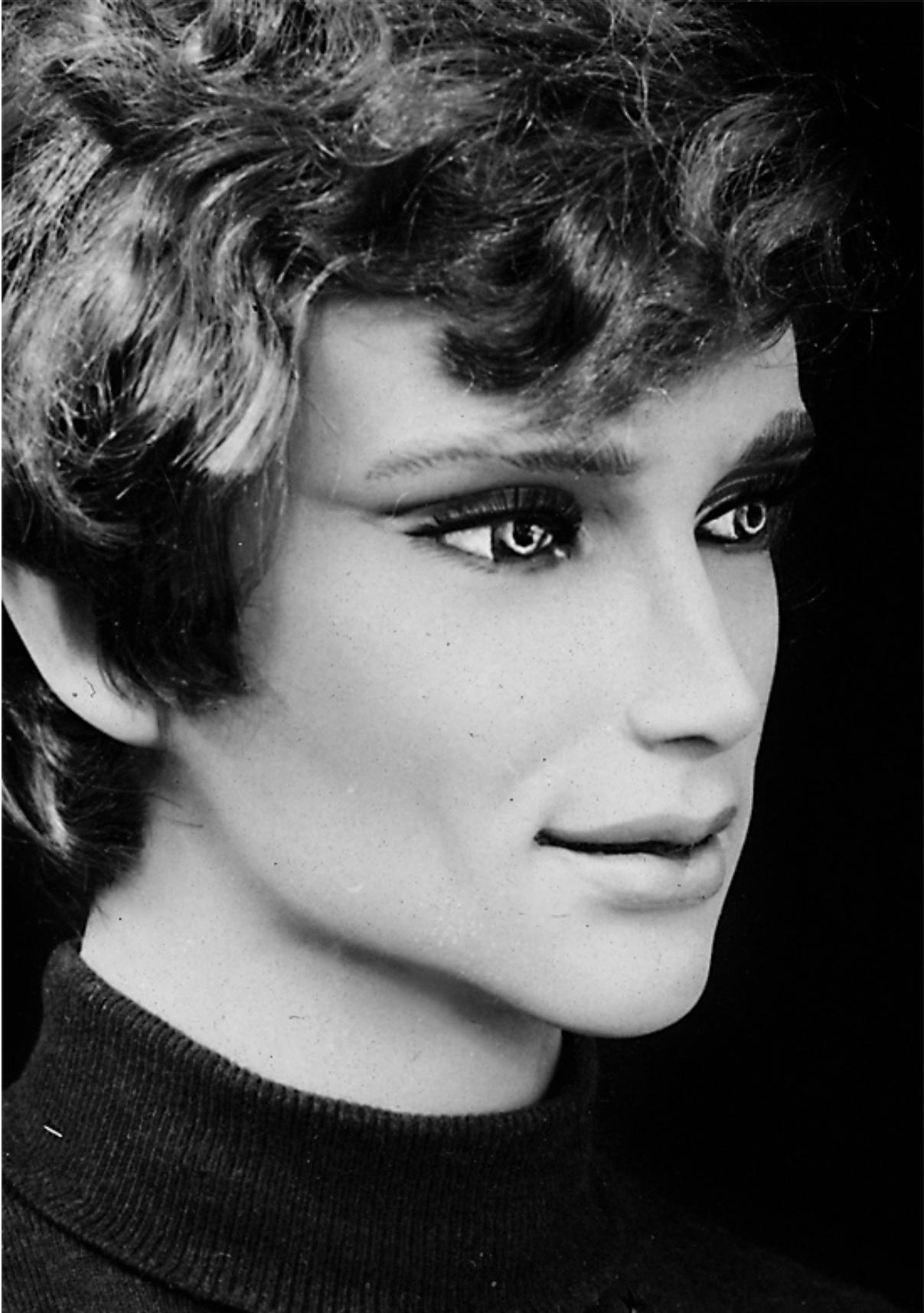
Trabalhara neste laboratório numa altura em que começavam já as preocupações acerca dos direitos dos bichos, mas em que não havia ainda uma legislação rígida. Naquele laboratório, sob a direcção do Dr. **Helsel**, investigava-se a vacina para uma doença infecciosa que recentemente

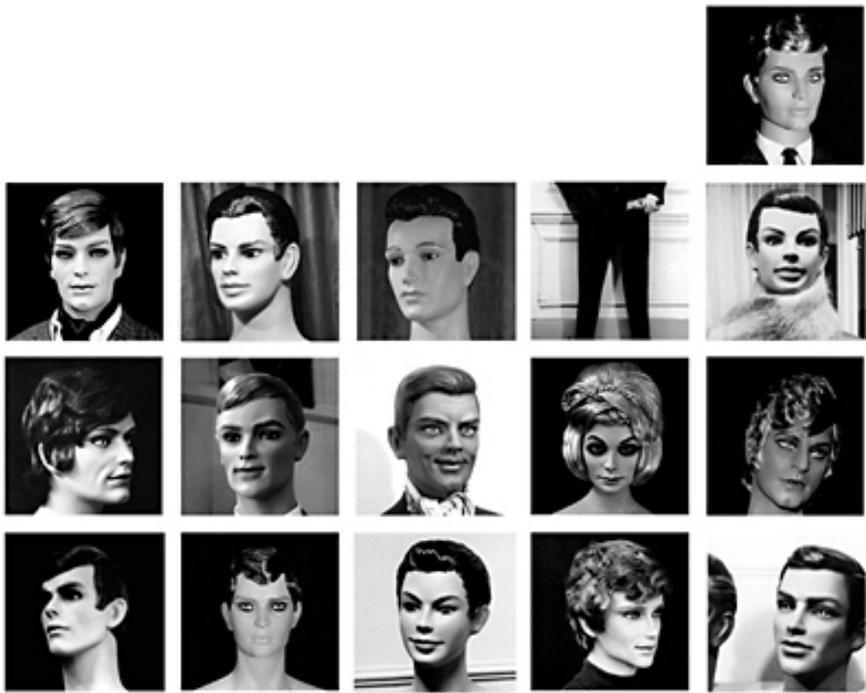
aparecera diagnosticada em seres humanos. Não era fácil decidir, mas na cabeça de Greenfield a escolha nem se pusera: entre a vida de um chimpanzé e a possível salvação de humanos a decisão era clara. E não havia alternativa àquelas experiências.

O que pode parecer estranho é que muitos anos mais tarde, já reformado, já depois dos setenta, Greenfield, o velho Greenfield, tinha pesadelos recorrentes dos quais acordava a tremer e a suar.

E a imagem que o atormentava nada tinha a ver com a sua última actividade, em que ajustava os cintos em redor dos condenados à cadeira eléctrica. Nada do que ali fizera lhe parecia reprovável ou ficara como marca de que não se conseguisse livrar. Os pesadelos tinham outra origem. Na sua cabeça, nos pesadelos, o que lhe aparecia era o esforço físico e uma certa repugnância orgânica no modo como puxava os braços do chimpanzé para uma extremidade, e os prendia à maca; enfim, o modo como puxava estendendo por completo os membros inferiores do chimpanzé, que mesmo já sem vida tinham como que uma tendência para se dobrar. E fora isso, esse esforço diante de um corpo de chimpanzé já morto, esse esforço em estender o que, naturalmente, mesmo sem vida, apenas quer ficar dobrado, recolhido sobre si mesmo, fora esse esforço físico e muscular que causara em Greenfield a náusea de que não se conseguia libertar na velhice, mesmo quando acordado.

Do Dr. Hesel, no entanto, Greenfield só tinha boas recordações.





Helsel e o armazém

Para além da sua actividade principal no laboratório, o Dr. Helsel tinha um hobby estúpido: a recolha e o armazenamento de baratas.

Neste caso tratava-se de uma obsessão de coleccionador e não de investigador (como acontecia com os chimpanzés).

Um projecto inútil, mas concreto: Helsel colocara a si próprio o objectivo de conseguir juntar a maior quantidade possível de baratas num armazém de noventa e dois metros quadrados com uma altura de três metros e quinze.

A sua improvável colecção tinha uma regra básica. Só eram consideradas como parte da sua colecção baratas vivas. O Dr. Helsel, depois de um estudo aprofundado sobre os seus hábitos, criara um local com as melhores condições para as baratas sobreviverem o máximo de tempo possível e se reproduzirem.

A outra tarefa do Dr. Helsel, que ele delegava em ajudantes, era a de recolher (caçar?) baratas que acrescentava à sua colecção, introduzindo-as no armazém.

Diante da grande dificuldade – a de contabilizar – Helsel respondeu como um cientista: criando tecnologicamente mecanismos para assinalar com exactidão (até à escala das unidades) as baratas. Sensores distribuídos por todas as superfícies do armazém – chão, paredes, tecto – detectavam os minúsculos movimentos de uma barata parada, e tal era um orgulho para Helsel. Esses sensores detectavam o bater do coração de cada animal – e neste pormenor estava tudo. Os insectos poderiam mexer-se ou estar parados, isso não era importante. Uma barata viva, mas parada, tal como outra em movimento, continuava a ter um coração que funcionava e era isso que os sensores detectavam. Iam direitos à essência, como dizia Helsel. Não se perdiam em pormenores – nos movimentos das patas, das antenas, ou nos movimentos do vizinho. Os sensores iam directos ao que assinala a diferença entre um corpo vivo e um morto.

O Dr. Helsel sabia que o movimento não era um bom critério. Por vezes, as baratas empurravam um desses cadáveres, falemos assim, e este avançava no meio de um aglomerado tal que, a olho nu, ou utilizando um zoom mecânico, se poderia pensar que tudo o que ali avançava tinha a mesma energia. Com uma perícia que impressionava, os mortos eram transportados, empurrados pelas outras, de tal maneira que o olho se enganava no essencial: o que julgava estar vivo e a mexer-se estava afinal morto.

Ao contrário, os sensores que assinalavam cada um dos minúsculos corações em funcionamento não se enganavam. Daí que o número que surgia num pequeno ecrã, no exterior do armazém – semelhante ao número a vermelho que surge num qualquer guichet de uma repartição pública –, estivesse constantemente a alterar-se. Por vezes assinalando pequenas variações – umas

baratas que morriam, outras que nasciam. Outras vezes assinalando mudanças bruscas, uma enorme recolha que fazia com que o número assinalado pelos sensores desse um salto, provocando a brutal alegria no coleccionador.

O Dr. Hesel, quando não estava no trabalho, olhava para o pequeno ecrã, que assinalava a variação do número de baratas, com a ansiedade daquele que colecciona coisas orgânicas vivas e não objectos. Estes podem ser roubados ou, por inabilidade, podem quebrar-se. Porém coleccionar coisas vivas era estar diante da possibilidade de um roubo bem mais antigo, roubo que conhecemos pela palavra morte. (É evidente que as baratas iam morrendo, e uma dificuldade tornou-se inultrapassável: era impossível retirar ou eliminar do armazém os animais mortos. De qualquer maneira, a própria comunidade resolvia o problema. As baratas vivas subiam para cima das mortas, num instinto de conservação óbvio – elas percebiam que era perigoso ficar por ali, debaixo dos cadáveres ou mesmo nos pequenos espaços que permaneciam vazios. As baratas sobreviventes iam subindo de nível, muito lentamente, milímetro a milímetro. Demoravam semanas para subir um único centímetro.)

O Dr. Hesel assinalou o ponto máximo da colecção numa manhã de domingo, em que o acompanhava o seu amigo **Holzberg**, que serviu como testemunha. Depois desse dia, o número baixou ligeiramente, mantendo-se mais ou menos estável nas semanas seguintes.

A morte do pai, previsível mas sempre um choque, interrompeu, como semanas depois se viu, em definitivo, o entusiasmo do Dr. Hesel. Um certo dia, ao olhar de novo para aquele pequeno ecrã que assinalava o número de seres vivos armazenados, o

Dr. Hesel sentiu, pela primeira vez, tal tarefa como inútil e absurda: entrou lá para dentro e, colocando nos pés todo o peso possível, foi pisando e esmagando o máximo de animais que conseguiu. Antes de se cumprirem dois meses, após a morte do pai, o Dr. Hesel já havia desmontado e desligado os sensores e sistemas de protecção das baratas, e o armazém – que em tempos fora talvez o espaço humano com maior número de seres vivos por metro quadrado – em pouco tempo encheu-se de pequenas massas mortas pretas; lixo, em suma, que o Dr. Hesel deixou a outros a tarefa de expulsar daquele espaço, de modo a que qualquer coisa nova pudesse começar ali.





Holzberg e a segunda rotunda

O amigo do Dr. Hesel, Holzberg, era um arquitecto fascinado pelo círculo, forma central de todas as mitologias, e ao longo da sua carreira construíra dezenas de rotundas. Esse fascínio levava-o mesmo a perverter a forma, fazendo uma rotunda, se assim se pode chamar, quadrada. Esse passeio em quadrado que sinais de trânsito obrigavam os carros a circundar – termo inadequado – não era mais do que uma partida do arquitecto, uma armadilha quase infantil, pois, apesar do sinal de trânsito explícito (era necessário tornear aquele quadrado colocado no meio da via), os automóveis, por diversas vezes, batiam contra os vértices do passeio, furando pneus, quebrando pára-choques, etc.

A partir de certa altura, os carros conhecedores daquela ameaça geométrica rodeavam o quadrado, mas muito afastados dos seus vértices, fazendo assim um trajecto em circunferência em redor de uma rotunda imaginária. Esse circular em redor de uma rotunda – que de facto não existia – fazia, segundo Holzberg, com que

os condutores assimilassem a verdadeira importância do círculo. Para Holzberg era claro que os condutores só desenhavam um círculo com o trajecto do seu automóvel quando rodeavam o quadrado que ele mandara construir. Em rotundas normais, os automóveis não desenhavam à mão livre, na expressão de Holzberg, mas copiavam; como alguém, obediente, que faz sem ter a noção exacta do que está a fazer.

Havia em Holzberg uma outra particularidade que provavelmente se ligava a esta: ele entrava no cinema e quando o filme começava fechava os olhos. Não adormecia; pelo contrário: a sua atenção duplicava; de olhos fechados, mesmo que numa sala escura, ele estava mais desprotegido – era, por isso, necessário activar todos os sistemas de defesa e percepção. Era então assim que Holzberg via os filmes, se se pode utilizar o termo ver. Havia a interpretação dos sons – uma interpretação excitada, que acrescentava, diminuía, reduzia, aumentava; em suma: actuava. A cabeça e a imaginação acrescentavam imagens ao que ouvia, como faria um cego; porém Holzberg não era cego e aí estava toda a diferença.

Só nas salas de cinema ele fazia esse exercício e fazia-o porque sabia que estava protegido – os outros não podiam ver que ele fechava os olhos. Era um jogo de fraquezas e forças onde Holzberg aceitava ser mais fraco temporariamente. A tensão com que via cada filme de olhos fechados, tentando, como num puzzle, encontrar a peça visual que encaixasse com a peça sonora que naquele momento ouvia, constituía um enorme esforço físico e mental e, assim, Holzberg saía da sala de cinema extenuado como se viesse não de uma sala escura onde se vê e ouve, mas sim de uma sala escura onde alguém o tivesse espancado.

Tal como sucedia na circunferência que os automóveis traçavam por iniciativa própria em redor de uma rotunda

quadrada, Holzberg sentia que ouvindo o filme de olhos fechados era ele quem fazia as imagens (um artesão do invisível).

Holzberg, como se vê, era um homem disponível para um certo tipo de estranhas experiências sensoriais, e a que há alguns anos fizera com o seu amigo, **Hornick**, veterinário, era disso um bom exemplo.





Hornick e o labirinto

No decorrer de uma viagem turística, num dos labirintos transformados em ponto de atracção, Hornick propôs ao guia que não os conduzisse. Ele e o seu amigo Holzberg iriam sozinhos e, como no conto, levariam um saco com pão e deixariam migalhas ao longo do caminho para conseguirem depois regressar ao ponto de partida. Holzberg alinhou neste desafio e o guia, recebendo mais dinheiro por não os guiar, aceitou ficar na porta de entrada, deixando aos dois turistas a possibilidade de avançarem para o labirinto sem ele, algo que ia contra todas as indicações de segurança.

Holzberg e Hornick lá avançaram, parecendo duas crianças a divertir-se com o risco que corriam. O labirinto era de grandes dimensões, cobrindo uma área ao ar livre de mais de vinte quilómetros quadrados. Os muros sucediam-se, nada distinguia um corredor de outro. O chão de terra era sempre igual, o céu

por cima igual e, ao lado dos corpos, as paredes iguais, inexpressivas. Claro que se eles se perdessem poderiam sempre gritar.

Holzberg e Hornick foram avançando a passo certo e a cada oito passos deixavam um bocado de pão que retiravam do saco. Viravam à direita, à esquerda, e de vez em quando iam olhando para trás e observando, entre o divertido e o assustado, os bocadinhos de pão que deixavam no caminho.

No labirinto estavam também, pelo menos, duas ou três crianças, e os seus gritinhos eram ouvidos pelos dois homens.

Estes pensavam que aquelas crianças pertenceriam a uma família de turistas e que, com um guia, haviam entrado no labirinto. Porém, na verdade, não eram filhos de turistas. Eram dali, dos arredores – crianças pobres que se aproximavam dos locais turísticos para pedir esmola; e aquele labirinto era para elas, tal como para os guias, um sítio evidente – não havia qualquer hipótese de se perderem.

Aqueles meninos, que brincavam e pediam esmola por ali, encontraram o rasto deixado por Holzberg e Hornick. Apanhavam cada bocadinho de pão, sacudiam a terra e comiam-no. O que era comida para eles, eram indícios decisivos para Holzberg e Hornick (comida ou indícios, estranha conversão).

Assim, quando os dois homens quiseram regressar, bastaram alguns metros, duas curvas, para perceberem que as suas pistas tinham desaparecido. Um ligeiro tremor em Hornick, menos em Holzberg e, após uma hora de tentativas, para a frente e para trás, desistiram e, assumindo a vergonha, começaram, algures no labirinto, a gritar.

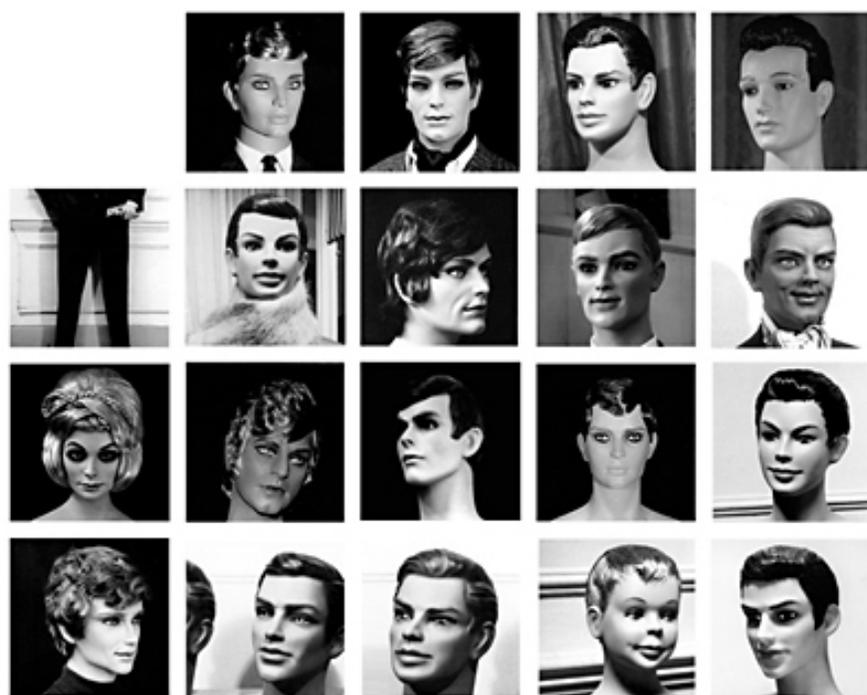
Quem os ajudou – também turista, que entrara no labirinto de acordo com as normas, seguindo um guia – foi um estranho homem, gordíssimo, com enormes dificuldades de movimento, de nome **Horowitz**, que se apresentou aos dois homens num dos sítios mais improváveis para uma apresentação social: um ponto num labirinto (que ponto?, como o identificar?). Horowitz seguido, numa temporária inversão de posições, pelo seu guia, estendera a mão, primeiro a Holzberg, depois a Hornick. Um homem com um guia apresenta-se a dois homens completamente perdidos, eis a descrição.

– Chamo-me Horowitz, sou arqueólogo.

Respirou a seguir profundamente. Cansava-se a falar.

– Parece que os pobres comeram as vossas pistas – disse Horowitz, e riu depois às gargalhadas, de forma desajustada.





Horowitz e a salvação

O estranho cortejo que conseguiu sair do labirinto: o guia e o homem gordíssimo, Horowitz, que transportava a própria gordura com enorme esforço e, atrás deles, Holzberg e Hornick – dois turistas envergonhados.

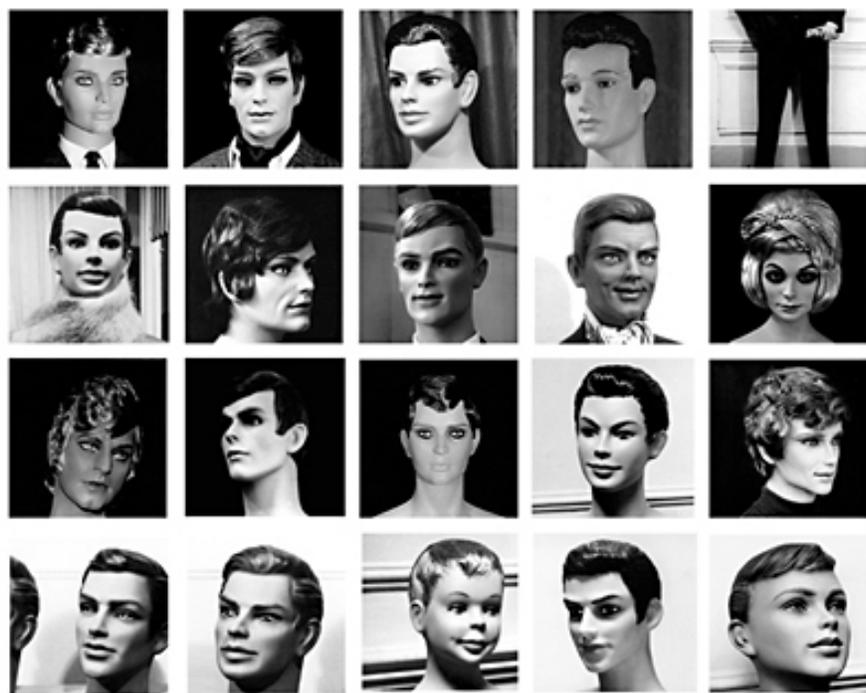
Haviam sido obrigados a gritar, pedindo ajuda, e seguiam agora atrás daquele homem de aspecto repelente, que mal conseguia andar (e que referira, com mágoa, a ausência de um amigo, **Indictor**, que estava à sua espera no hotel – *ele é mais rápido do que eu*, disse Horowitz).

A situação dos dois homens era, pois, constrangedora. A lentidão com que Horowitz caminhava e as vezes que parou por cansaço, com uma respiração ofegante, fizeram com que a saída do labirinto demorasse horas. Algo de paradoxal sucedera então naquele dia: tinham demorado muito menos tempo a perder-se do que a chegarem à saída, mesmo quando já conduzidos por um guia. E isto porque haviam sido salvos por um homem gordíssimo, cujo corpo se tornava uma resistência a qualquer caminhada, por menor que ela fosse. E a

boa educação exigia aos dois homens que seguissem até ao fim (ou pelo menos até à saída do labirinto) o homem que os salvara. A maior tensão por que passaram os dois amigos, Holzberg e Hornick, esteve mesmo nos últimos metros antes da saída do labirinto, no local onde finalmente para os dois ficou claro o caminho; ponto a partir do qual poderiam dispensar o guia de Horowitz e, principalmente, abandonar o lentíssimo ritmo de caminhada imposto pela gordura do arqueólogo. Não o fizeram; tal seria, como se disse, indelicado. O percurso final que teriam feito em poucos segundos demorou assim, com várias paragens, mais de dez minutos.

Holzberg e Hornick, muitos anos depois, ainda se recordavam daqueles dez minutos finais como um tempo de sofrimento estúpido. Alguém que esteve perdido – e necessariamente, mesmo que por segundos e irracionalmente, teve medo de ficar ali perdido para sempre – vê finalmente a porta de saída e não pode sair com a rapidez que deseja. Pelo contrário, caminha mais lentamente do que alguma vez caminhou. Aqueles dez minutos foram para os dois homens uma tortura: ao corpo que quer correr exigiu-se que caminhasse ao ritmo de um homem que pesava perto de cento e cinquenta quilos – pouco simpático, estranho, e que não conheciam de lado nenhum.





Indictor e o rapazinho

O mais surpreendente que aconteceu a Horowitz enquanto arqueólogo: ter desenterrado o presente (ter desenterrado, de certa maneira, a actualidade).

Horowitz descrevia a sensação de resgatar do interior da terra um objecto antigo – tratava-se de uma operação oposta à do corpo que se afoga. Na arqueologia resgata-se um corpo com terra por cima (corpo esquecido porque não está visível).

Por vezes (quando do meio da terra conseguia retirar uma jarra antiga ou apenas um bocado de um objecto com vários séculos), a imagem do parto: corpo que sai de um corpo maior e cá fora começa uma nova vida.

Certa vez, Horowitz – com o seu grupo de arqueólogos – conseguira um feito notável: descobrira, no meio de outros objectos mais recentes, um fóssil que guardava a memória de um animal com muitos milénios. Nesses momentos, tratava-se de puxar a História para cima, como se puxa um corpo prestes a cair num precipício. É a mão forte que evita a queda ou o

esquecimento, e assim Horowitz vê o seu corpo quando pela primeira vez tem um fóssil entre os dedos.

Tratava-se de fazer história, mas sem signos – com coisas concretas. Historiador que manipula volumes, objectos que ocupam espaço no mundo. Sem o seu trabalho, os historiadores utilizariam palavras objectivamente ocas – sem nada lá dentro. Os objectos que os arqueólogos resgatavam ocupavam o interior das palavras dos historiadores. Horowitz não sabia escrever, mas sabia onde escavar.

O seu brutal peso, cento e cinquenta quilos, impedia-o de fazer qualquer esforço físico, mas ele fazia o que os homens importantes fizeram e fazem: apontava. O dedo indicador da sua mão direita, esse poderoso dedo cuja história da sua importância no mundo ainda está por fazer, esse dedo que aponta, eis o que dizia: *é aqui*.

O seu dedo apontava para o passado, como um sinalizador que abana com a proximidade da água; o seu dedo indicador da mão direita começava a tremer – assim pelo menos ele imaginava – quando sentia a proximidade de um objecto histórico, antigo, mesmo que muitos metros abaixo do solo.

É certo que inúmeras vezes o seu dedo apontara para um ponto do solo e, depois de muito esforço de outros homens, depois de muito escavar, chegava-se à conclusão que ali nada havia senão terra e terra. (Uma coisa antiga, muita antiga – a terra – mas nada valiosa porque nada nela se distingue do que está ao lado, nada nela tem forma útil se não considerarmos a grande utilidade que é suportar os organismos que nela pousam os pés.)

Sim, Horowitz e o seu dedo enganavam-se vezes sem conta, mas cada vez que acertavam era uma vez que valia por cem ou mil falhanços. Acertar era mais descobrir um tesouro do que fazer uma simples pontaria a um alvo já existente. Daí o júbilo

que cada apontar de dedo eficaz provocava em Horowitz e nos seus colaboradores.

A lista das coisas que Horowitz e a sua equipa haviam descoberto em anos de trabalho era infindável. Tinham participado nas escavações da tumba de Djehuty, nas descobertas em Abido, nas pesquisas a Norte do Delta, em Behdet, etc.

Porém, um certo dia, Horowitz e a sua equipa descobriram debaixo da terra o impensável. Escavaram e resgataram, não o passado mas, como dissemos, a actualidade.

Estavam no Norte de África e o dedo, os mapas e o estudo de Horowitz, todos em conjunto, apontavam para um ponto do solo, uma área de alguns quilómetros quadrados onde poderia estar algo de precioso. Começaram a escavar. Muita terra saiu de uma área cujo arco da circunferência teria sete ou oito metros. Havia algo ali em baixo, sem dúvida, e a cada quilo de terra que se extraía essa existência tornava-se mais evidente.

A estranheza começou vinte metros abaixo do nível do solo. Havia algo lá em baixo, sim, mas vivo. Algo se mexia. De imediato, pensou-se em alguns animais. Toupeiras, sim, vivem bem debaixo da terra, mas tão fundo? E que outros animais poderiam permanecer ali tão em baixo? A estranheza aumentava. Não era um fóssil nem um objecto. Havia um organismo, pelo menos, ali em baixo, e um certo medo expectante começou a aparecer entre os homens de Horowitz.

O que desenterravam parecia-lhes já monstruoso. Muitos metros abaixo do solo, um organismo movia-se. Estavam a desenterrar a actualidade e esta mete mais medo do que o passado.

(O passado não mata, se não considerarmos aquelas armadilhas que os antigos por vezes deixavam espalhadas pelos objectos, veneno preparado para matar quem tocasse

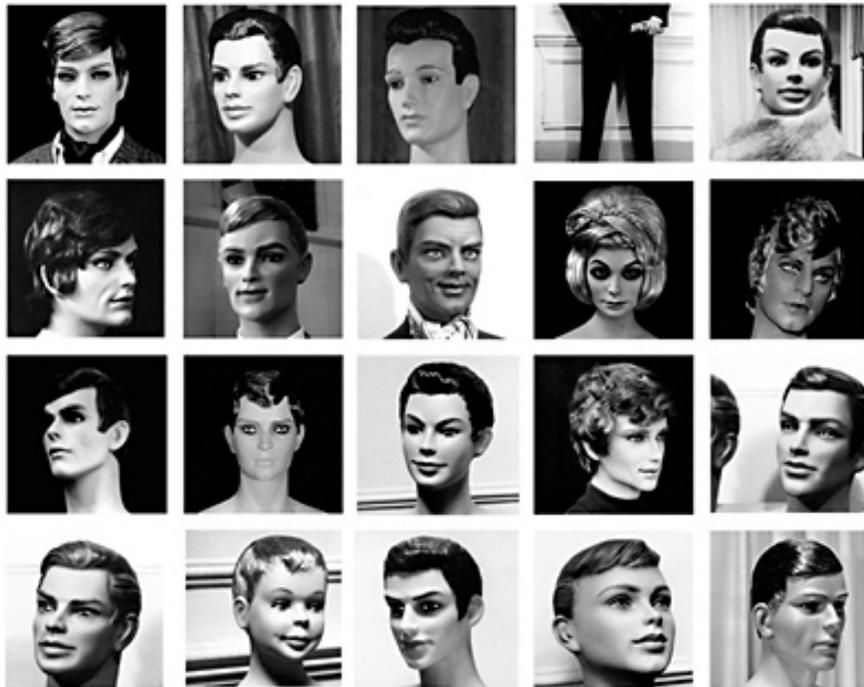
nas coisas. Porém ali o perigo era maior: algo estava vivo debaixo da terra e os vivos têm mais tendência para matar.) De súbito, então, uma quebra evidente, como se os seus colaboradores acabassem de estalar o topo da casca de um ovo. Chegara-se ao limite, alguma terra caiu para dentro do que parecia um buraco e, para absoluta surpresa de Horowitz e dos seus colaboradores, ali estava aquilo. E, sim, sem qualquer dúvida, não era um animal.

Horowitz de imediato deu ordem para que colocassem a terra onde antes estivera. As pás e os homens recomeçaram, então, em sentido contrário, mas com maior velocidade.

Só Horowitz falou para dizer que exigia silêncio absoluto. O trabalho foi concluído. A equipa de Horowitz disfarçou o solo de modo a que não parecesse ter sido mexido – como quem esconde, com toda a energia, uma carta secreta.

Diga-se que Indictor, um dos elementos da equipa do arqueólogo Horowitz, além do que viu de inquietante nessa expedição, viu ainda, muitos anos depois, um rapaz, talvez com dezasseis anos, não mais, de nome **Kashine**, a escrever um enorme *Não* num cartaz colocado numa parede, cartaz que anunciava uma manifestação a favor da libertação imediata de alguém, de quem não recorda o nome.





Kashine e o NÃO

Kashine, o tal rapaz de dezasseis anos, de facto decidiu fazer isto: espalhar o *não* por onde passasse. Simplesmente esta pequena palavra, sem qualquer comentário: *não*.

Nos cartazes que anunciavam uma estreia de teatro, Kashine, sem ninguém ver, escreveu *não*.

No muro que dividia duas propriedades, Kashine escreveu *não*.

Numa série de panfletos publicitários que anunciavam produtos alimentares, de higiene, e os seus preços, Kashine escreveu *não*.

Na caixa de correio de um condomínio, Kashine escreveu *não*.

Na mesa de uma repartição de finanças e em duas cadeiras, sem ninguém ver, Kashine escreveu *não*.

Num par de calças de uma loja de roupa que até, mais tarde, sem disso se aperceberem, foi para a montra, no topo dessas calças Kashine escreveu *não*.

No enorme volume de leis que um estudante de Direito esqueceu numa mesa de café, em muitas das suas folhas, no máximo de folhas que conseguiu, Kashine escreveu *não*.

Em vários livros da biblioteca municipal, umas vezes na lombada, outras vezes lá dentro, em algumas folhas, Kashine escreveu *não*.

Escreveu *não* na lombada do dicionário de sinónimos, *não* na lombada de um livro de aventuras, *não* na capa de um livro de gramática.

Escreveu *não* no quadro de ardósia onde ainda havia vestígios de uma série de cálculos algébricos.

Por cima de vários ecrãs que estavam na montra, Kashine escreveu *não*.

Numa enorme máquina que esmagava ferro-velho, Kashine escreveu *não*.

Nos pedaços de ferro-velho, Kashine escreveu *não*.

Na base de uma grua, Kashine escreveu *não*.

Num carro da polícia, a tremer, à noite, Kashine conseguiu escrever *não*. Três *nãos* em redor do carro.

Em cães vadios, colava etiquetas, algumas delas de grande tamanho e de tal forma bem coladas ao pêlo do animal e perto do rabo que o cão quase ficava louco, tentando com os dentes desenhencilhar-se daquele autocolante gigante com a palavra *não* lá escrita.

Kashine escrevia ainda *não* em troncos de árvores, em folhas, nos passeios, em bolas de futebol, em cadernos de estudo: *não, não, não*.

Sobre postais com paisagens paradisíacas: *não*. Nas capas de jornais com notícias impressionantes, *não*. Em catálogos de arte ou de roupa, *não*.

Kashine tinha dezasseis anos na altura, e nunca ninguém percebeu porque fez ele aquilo durante tanto tempo; semanas e semanas sem ser descoberto.

E em alguns locais aquele *não* teve efeitos concretos, por vezes estranhos e surpreendentes.

Alguns efeitos foram muito localizados. Por exemplo, o *não* em cima de um panfleto publicitário fizera pensar à empresa que talvez aquele anúncio não fosse o certo. E devido àquele *não*, ou à digestão mental que esse *não* provocou, a empresa não quis mais os serviços do publicitário que há anos trabalhava com eles.

Outro exemplo: o autor que numa livraria, por curiosidade, abriu o seu antigo livro e reparou de imediato num enorme *não* a vermelho em cima de uma das suas páginas, e nessa altura tomou consciência de que aquilo era um disparate, que o livro estava mal escrito.

Outro exemplo ainda: o legislador que foi chamado à atenção para o facto de terem escrito *não* sobre uma página do código. Kashine, diga-se, escrevera, como sempre, o *não* perfeitamente ao acaso, nem sequer lera a lei, contudo o legislador olhou para aquele *não* e para ele fez todo o sentido: aquela lei não era rigorosa, nem explícita, nem clara, nem acompanhava as mudanças do mundo. O legislador decidiu mudar a lei.

Ainda isto: foi parar às mãos de um político o *não* por cima de uma paisagem linda que ilustrava um postal. Não utilizava palavras, mas aquele postal era uma mentira e, talvez por isso mesmo, por ser visual, era uma mentira mais grave. Quem fosse àquele local, àquele exacto local, veria a quantidade de lixo, a degradação brutal da paisagem, como se entre a foto do postal e o sítio concreto e real a que o postal se referia existisse a diferença que existe entre um jovem e forte rapaz e

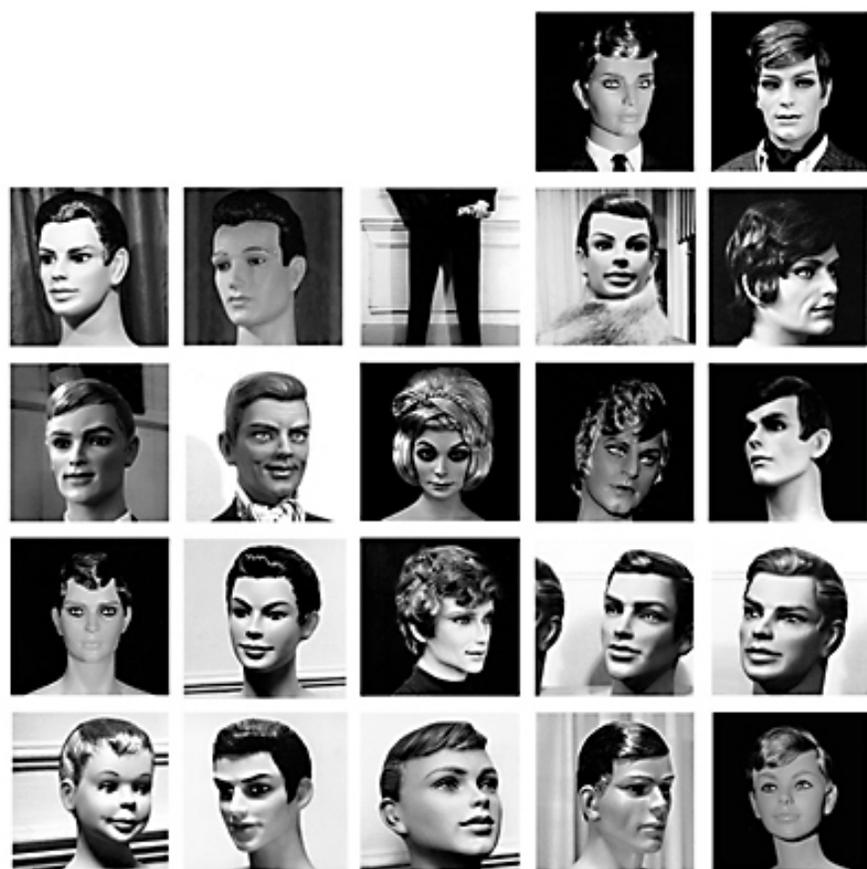
um velho demente, nos seus últimos dias, que mal consegue andar. O dirigente mandou limpar o local, fazer obras de recuperação. Em pouco tempo, pensou, aquele *não* deixaria de o incomodar, de o atacar.

Enfim, os vários *nãos* que Kashine, o jovem adolescente Kashine, espalhou pela cidade e por diversos documentos provocaram inúmeros distúrbios.

Houve mudanças políticas, legislativas, sociológicas (um *não* em cima de um conjunto de dados estatísticos afixados na parede de uma repartição pública deu origem a uma grande discussão e à demissão do presidente do departamento). Houve, inclusive, um divórcio, pois a mulher ao olhar para as costas do seu marido, de nome **Kessler**, e ao ver um enorme *NÃO* pensou naquele *Não* como transmitindo uma mensagem evidente.

Em suma, ao fim de quatro meses, devido aos vários *nãos* aleatórios, a cidade do adolescente Kashine mudara por completo.





Kessler e o barco

O homem, Kessler, de quem a mulher se divorciou devido à interpretação que deu ao NÃO escrito nas costas do casaco, depois do divórcio, tendo sido colocado fora de casa, decidiu regressar à pequena ilha de onde eram originários os seus pais que, entretanto, haviam morrido.

Dos seus pais herdara uma pequena casa na ilha de menos de duzentos habitantes. A cidade mais próxima estava a mais de mil quilómetros de barco.

Kessler viveu aí alguns anos tranquilos, mas a certa altura algo se complicou rapidamente. Vários dos habitantes da aldeia começaram a ficar loucos, doidos varridos. Pelo isolamento ou por qualquer outro motivo – a água?, a comida? – o certo é que, em poucos anos, dos duzentos habitantes da aldeia só duas dezenas pareciam minimamente normais.

Pouco tempo depois, as coisas agravaram-se: o número de loucos aumentou e as consequências dos actos de alguns loucos começaram a tornar-se perigosas.

Assim, numa noite, os sete homens que ainda tinham a cabeça saudável – o medo era já muito, alguns loucos andavam armados e ameaçavam, etc. – decidiram fugir de barco, o único meio de se afastarem dali.

De manhã, a luz do sol caiu sobre o barco de dimensões médias, que tinha atrelado a si um pequeno bote. No barco iam os únicos sete homens cuja racionalidade não havia sido abalada. Era a barca dos homens racionais que fugia da aldeia dos loucos. Os outros que ficassem lá; em pouco tempo, estavam disso convictos os sete homens, aqueles loucos começariam a matar-se uns aos outros. Não sobraria ninguém.

A barca da razão, assim chamava Kessler ao barco, andou semanas sem rumo, até porque nenhum dos sete homens era marinheiro. Durante semanas não viram terra e os mantimentos começaram a diminuir. Mas tal não era o mais grave.

Kessler, a partir de determinada altura, começou a perceber em alguns dos sete homens indícios preocupantes – indícios de demência. Kessler aproximou-se dos dois homens que, juntamente com ele, pareciam resistir melhor àquela situação-limite. Os outros quatro estavam a perder a razão, aos poucos, e um deles até a uma velocidade vertiginosa. O barco que levava os homens racionais parecia estar a desequilibrar-se.

O acordo foi fácil e a acção tão rápida que os outros não conseguiram reagir. Numa dessas noites, Kessler e os dois companheiros que ainda mantinham a cabeça racional desamarraram o pequeno bote e fugiram dos outros quatro.

Estavam agora três homens num pequeno bote, três homens de cabeça saudável. Aquele era o barco da racionalidade, o barco que restava depois de Kessler ter fugido de uma aldeia agressiva e violenta, de uma aldeia de loucos. Agora, ele e mais dois ali estavam no barco da resistência: o pequeno barco

que transportava a Razão sensata, a mais bela conquista dos humanos – transportavam a razão como se transporta uma tocha de fogo.

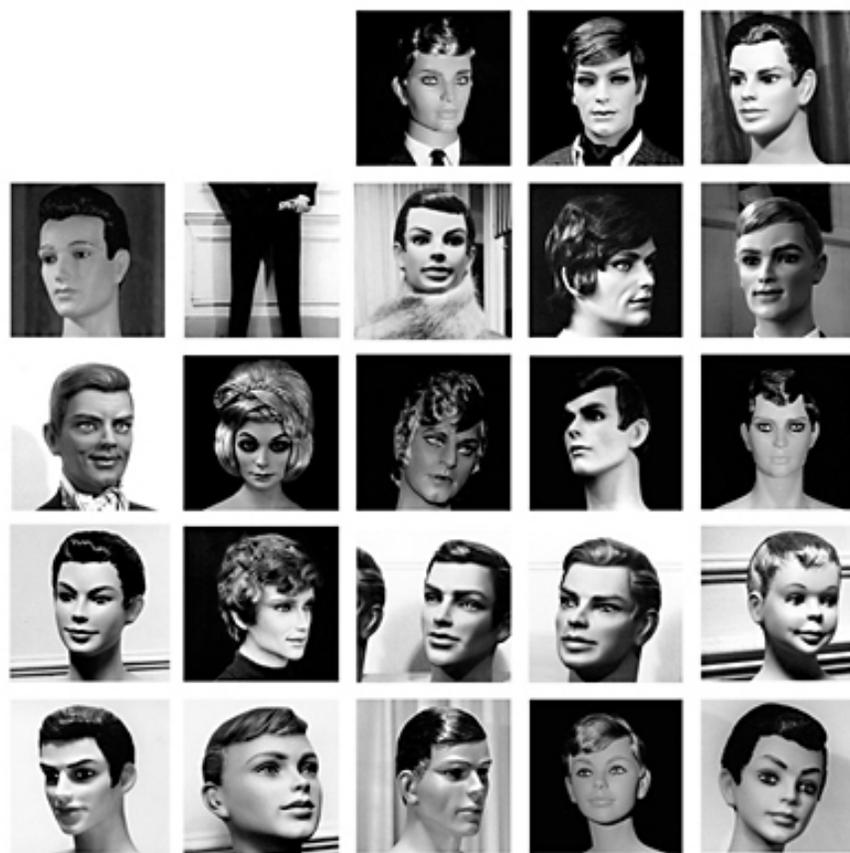
Em poucos dias, no entanto, a relação entre os três homens deteriorou-se. Não havia comida nem espaço e um deles tornou-se agressivo, denotando falta de lucidez e deixando cair, aqui e ali, palavras que os outros dois notaram ser estranhas e consequência de demência leve, mas perigosa. Kessler e o seu companheiro, **Klein**, trocaram um olhar de entendimento e, em resposta a um movimento mais brusco do terceiro homem, Kessler e Klein primeiro defenderam-se, mas terminaram a apertar-lhe o pescoço de tal forma que, a certa altura, já nada havia a fazer; se parassem teriam ali um inimigo num pequeno bote, se continuassem seriam assassinos. Não havia opção e os dois homens ainda lúcidos, os dois homens portadores últimos da razão (assim se viam eles cada vez mais), esses dois homens tiveram de matar o terceiro, o que já estava louco. E, nessa noite, temos de o dizer sem o dizer explicitamente, os dois homens, depois de muitos dias em jejum, experimentaram algo a que nunca antes se haviam atrevido.

Na manhã seguinte: Kessler e Klein. Dois homens lúcidos, racionais, dois homens ainda humanos – e disso se orgulhavam. Depois de tudo, continuavam humanos.

Por vezes, a brincar, a testar até que ponto as suas cabeças resistiam racionais e normais, colocavam um ao outro pequenos desafios de raciocínio lógico ou de pura matemática. Como se fossem crianças ou imitando um pai a falar para um filho, Klein propunha a Kessler uma conta de multiplicar e Kessler perguntava depois a Klein qual a capital de um certo

país. Tentavam manter os desafios intelectuais; manter a cabeça em funcionamento era indispensável, se não queriam perder aquilo que os fizera estar ali, naquela situação, num bote, isolados de tudo, de todo o mundo, fugindo; se não queriam, enfim, perder a razão. Este é o mais belo bote do mundo – começou a dizer Kessler, porém não conseguiu terminar a frase pois, num movimento absolutamente imprevisível, Klein atirou as suas duas mãos ao pescoço de Kessler e, apanhando-o desprevenido, não parou enquanto não se apercebeu que Kessler estava morto e que ele, Klein, era agora o único sobrevivente do barco dos racionais.





Klein e a loucura

– Este é o bote da razão! – gritou Klein, ao chegar a terra, onde um grupo de mais de vinte pessoas o ajudou a sair do barco.

Klein foi bem recebido. Foi alimentado, hidratado e internado num hospício pelo Dr. **Koen**.





Koen e a clareira

O Dr. Koen, psiquiatra, era um apreciador de clareiras. Quando tinha folga do seu consultório embrenhava-se durante uns dias na floresta e, com um sentido de orientação único, ia direito à pequena clareira de raio menor que quatro metros onde colocara a bandeira do seu país, a Índia. Tudo em redor era mato quase intransponível. Com a excepção daquela clareira, a distância entre uma árvore e outra era apenas de uns centímetros; e entre duas árvores de dimensões significativas dezenas de ramos entrelaçados construía muros naturais. Apenas Koen sabia o caminho para a sua clareira; não o descrevera à sua mulher e não o apontara em nenhum mapa.

Na clareira, como dissemos, ele deixara apenas, no seu centro, no cimo de um pau, a bandeira do país.

Num certo sábado, estranhamente, ao chegar lá deparou com uma alteração, não na clareira em si, mas no seu centro. Estava ainda lá uma bandeira, mas não era a do seu país.

Reconheceu-a. Era a bandeira do Paquistão.

Retirou-a, regressou a casa, voltou com a bandeira da Índia e colocou-a de novo na clareira. Nessa noite decidiu dormir por ali, na clareira. Armado.

Trabalhou durante toda a semana seguinte com uma certa ansiedade. No sábado voltou à clareira, ao espaço vazio que resistia ao avanço da floresta, ao espaço de civilização com circunferência de raio menor que quatro metros.

Olhou para a bandeira. Não era a da Índia. Tinha sido de novo substituída. Era a do Paquistão.

Nas semanas seguintes, como se alguém fosse muito teimoso e persistente ou simplesmente se estivesse a divertir com o Dr. Koen, a bandeira da Índia era sempre trocada pela bandeira do Paquistão. O Dr. Koen, a cada sábado, levava já uma nova bandeira do seu país.

Ele não iria tantas vezes àquela clareira se não fosse o duelo, invisível ou em diferido, que ali decorria. Este duelo em diferido durou anos e tornou-se num hábito, numa espécie de monomania de dois homens, ele próprio e um outro, um desconhecido.

Anos se passaram nesta discórdia sem palavras, sem olhares trocados, sem mensagens escritas, sem nada a não ser a troca de bandeiras.

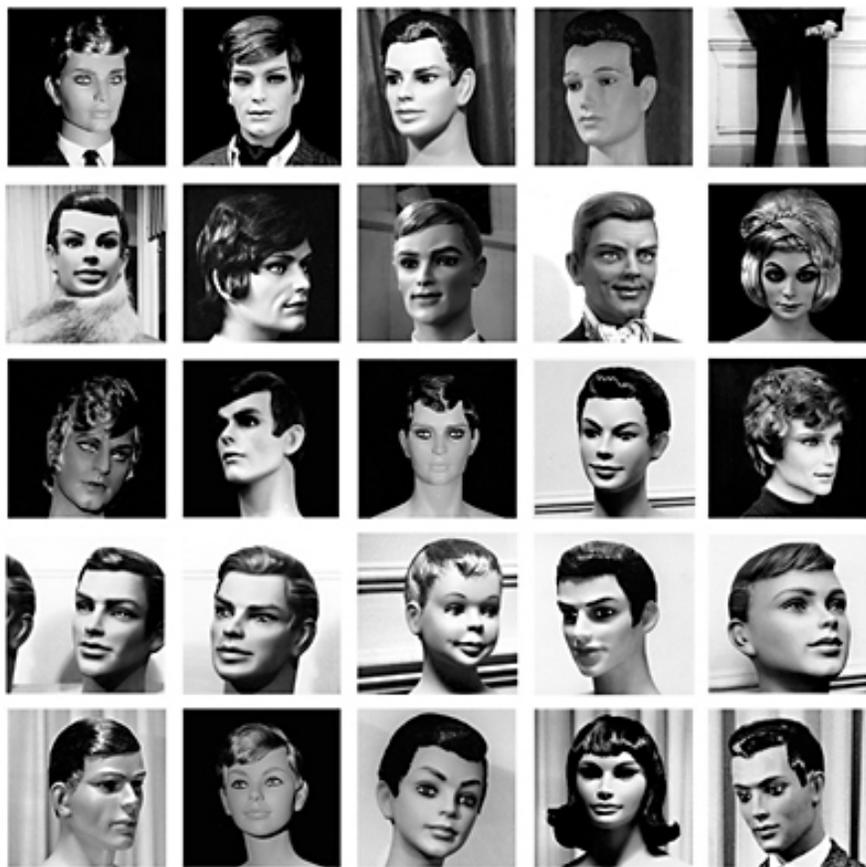
O Dr. Koen, entretanto, adoeceu. Estava a morrer, e iria partir sem saber quem era o homem que durante anos lutara com ele – e com o seu país – por uma minúscula clareira.

A mulher de Koen, a Sr.^a **Levy**, ouviu o desabafo do moribundo e disse que iria mandar entrar quem o combatera.

Saiu do quarto e entrou uns minutos depois, ela mesma, a Sr.^a Levy, outra vez.

– Sou eu – disse ela.





Levy e a floresta

A sua mulher, Levy, era paquistanesa e ele indiano, mas nunca lhe passara pela cabeça que ela soubesse, em primeiro lugar, onde se localizava a clareira e, depois, que se atrevesse àquilo, àquele duelo.

Koen perguntou: porquê?

Ela respondeu, com uma rudeza que o velho Koen jamais encontrara nela. Disse-o até com ódio: sou paquistanesa.

Dias mais tarde, imediatamente depois de falar ao telefone com o seu amigo **Matteo** – (o homem a quem queríamos chegar, desde o início, a personagem central desta narrativa, homem que havia perdido recentemente o emprego) –, a Sr.^a Levy entrou em casa e, mal viu o marido, percebeu que algo estava a acabar.

De facto, o Dr. Koen, indiano do sexo masculino, morreu dias depois. A Sr.^a Levy, paquistanesa do sexo feminino, ficou viva

ainda durante uma década. Ele, porque estava morto, não voltou; ela, talvez porque já não tinha adversário, também não voltou: a clareira ficou anos sem receber qualquer visita humana.

O tamanho da clareira foi diminuindo. Já não existiam mãos humanas que afastassem e cortassem os ramos e arrancassem as raízes que se quisessem infiltrar. Sem a disputa do casal, a clareira – a que Koen chamava a clareira da civilização – foi perdendo espaço. Em poucos anos, a sua circunferência diminuiu. Em seis anos desapareceu, e hoje ninguém conseguiria encontrar o caminho para a clareira, pois ela já não existe. O que ainda está por lá, embora já desfeita e quase irreconhecível, é, algures no meio de uma densa floresta, uma bandeira. Mas como se disse, está de tal forma desfigurada, que hoje, se alguém a descobrisse, não conseguiria decidir se a bandeira era do Paquistão ou da Índia. Seria até confundida com um pano velho sem qualquer significado.

Mas falemos, então, finalmente, de **Matteo**, a personagem central.



Matteo perdeu o emprego

1.

Matteo, sim, esse mesmo, tocou à campainha do prédio. Lá de cima, uma voz feminina, jovem.

– Vim por causa do anúncio – disse Matteo.

Deixara em casa, na mesa, um jornal de há três dias em cima de outro jornal com vários meses.

Na capa de um dos jornais, a fotografia de uma máquina e fumo a sair da máquina. Uma explosão, um atentado, já não se lembra.

A mulher de Matteo gritava por algo que acontecera na cozinha ou no mundo. Gritava ao mesmo tempo que pedia silêncio. Matteo não respondia. Duas cadeiras das duas

crianças e uma bicicleta pequena. O pneu de trás em baixo, sem campainha, a bicicleta amarela que não andava na rua há meses.

Mas agora Matteo está em frente da porta do 2.º esquerdo; 2.º esq.º como o anúncio do jornal dizia.

Avança, está preparado. Mas não sabe bem para quê.

A mulher que colocara o anúncio abre a porta. O primeiro choque. A mulher não tem braços. Matteo nada diz, dizer o quê?, de que falar? Tenta olhar para todo o lado menos para aquela mulher. Como se investigasse a casa, mas não – é apenas medo.

O rosto da mulher parece ter vida própria, simpático até em exagero, como se o resto do corpo existisse apenas para suportar o rosto de onde nada vem, nem um som – o que obriga Matteo, que ainda treme, a falar:

– Não percebi o anúncio.

O anúncio pedia companhia para auxiliar uma jovem senhora em algumas actividades.

– Pode parecer ridículo – disse ela – mas quando está a chover...

E calou-se.

– Antes – continuou – tinha uma senhora mais velha que vinha...

E calou-se outra vez.

– Aceita? – pergunta ela.

Matteo perdeu o emprego há oito meses, diz que sim. Aceita.

2.

Chove, e Matteo segura no grande guarda-chuva que dá para os dois. Anna, assim se chama ela, tem o seu tronco a alguns centímetros do corpo de Matteo e este treme porque ela está muito próxima, próxima de mais. Ele sente já o calor que vem do corpo dela, e não gosta.

Anna tem trinta e dois anos, um rosto belo. Noutra situação, se o mundo fosse diferente, Matteo estaria naquele momento radiante por passear com uma mulher com um rosto daqueles. Não se lembrava de algum dia ter passeado ao lado de um rosto assim.

Matteo segurava ainda no guarda-chuva, apesar de quase não chover. Conduzido pelas orientações de Anna, os dois chegaram à porta de um edifício. Com a mão esquerda segurando no cabo, Matteo utilizou a sua mão direita para puxar a parte de cima do guarda-chuva para baixo, fechando-o. Segurando agora o guarda-chuva na sua mão direita, abriu, com a outra mão, a porta do edifício:

– Por favor, passe.

Anna tinha de tratar de alguns assuntos e Matteo era indispensável.

Estão agora num dos últimos andares, já sentados diante de um funcionário. Este, dadas as circunstâncias, esbanjava uma simpatia tão excessiva que ela caía algures no chão, desperdiçando-se. Alguém a iria varrer e a mais ninguém serviria.

Matteo observava o excesso de delicadeza e sentia vontade de bater no homem.

Anna perguntou se era possível e era. Matteo, então, de acordo com o protocolo que tinham definido para o efeito, assinou um documento em nome de Anna.

3.

Um mês depois de estar naquele emprego, Matteo já se descontraía um pouco. Tal como Anna. De certa maneira, haviam-se adaptado à presença um do outro.

Claro que com Matteo era diferente. Muitas vezes, sem o controlar, era atacado por um calafrio, de alto a baixo, que começava nas pernas e fazia com que a sua boca sorrisse de nervoso; terminando nos dedos das mãos, que tremiam de medo. Porém Matteo tinha agora um emprego. Tudo o resto era, apesar de tudo, secundário.

Numa dessas tardes, Anna adormecera na sala, ainda Matteo estava no seu horário de trabalho.

As coisas quando dormem não desaparecem, mas Matteo olhou pela primeira vez para Anna com atenção, mantendo os olhos fixos, não os desviando – como se o que via não fosse tão assustador, tão visível, quando ela dormia.

Enquanto ela dorme, Matteo confirma o que percebeu desde o primeiro dia: Anna tem um rosto admirável, mas, ao mesmo

tempo, há no canto da boca uma qualquer potência má que o choca. *Aquela mulher não deveria seduzir*, pensa Matteo. Pensa até na sedução dela como um crime. Tratava-se de enganar pessoas, pensa Matteo.

Ele observa Anna com atenção. Um rosto que ele poderia beijar naquele momento. Mas não.

As pernas de Anna, depois as ancas bem femininas, os seios, o pescoço – havia ali um sistema concentrado que estava certo e, mais do que isso, que atraía. Mas depois o olhar de Matteo desviava-se um pouco, ligeiramente, uns centímetros, desviava-se para aquele ponto para onde não queria olhar, o sítio vazio que já aprendera a evitar; e, quando o olhar cedia e se dirigia para lá, Matteo desistia de tudo. Desistia do pensamento absurdo de seduzir Anna e pensava até em desistir do trabalho. Voltar para casa e ficar à espera de um outro emprego, mas agora de uma coisa diferente, de uma coisa normal.

4.

O chimpanzé do sapateiro Guzi sempre divertira Matteo, mas naquele dia começava a irritá-lo um pouco. Guzi soltara-o, depois de fechar as portas, e o macaco estava às costas de Matteo, dando-lhe beijos ou tentando; agarrando-se a ele com aqueles dois braços de macaco ágil, braços que fazem tantas coisas e tão rápidas que colocam em respeito qualquer trabalhador humano. O macaco, era assim que Guzi o tratava, tinha os dois braços em volta do pescoço de Matteo e, com aqueles dedos longos, pretos, procurava algo pequenino na cabeça daquele humano. Depois, guinchava e saltava pelo compartimento todo. (Quando está alegre não pára; salta da mesa para a parede, para o tecto – como se estivesse num circo.)

– Pára, macaco – diz Guzi, o dono. Mas o macaco não pára.

Matteo entretanto está ali há horas e não apareceu um único cliente para Guzi.

– É impressionante – diz Guzi. – Não aparece ninguém. As pessoas já não andam. Ficam paradas. Ninguém compra nada, mas pelo menos que andassem de um lado para o outro. Na

semana passada arranjei dois pares de sapatos. Sabes para que é que isto dá? Dá para comer o macaco. Qualquer dia como o macaco.

O que aflige Matteo é que algo se degrada rapidamente no compartimento do seu amigo Guzi. Matteo viera há três semanas e agora a coisa estava bem pior.

– O senhorio diz que me dá um tiro e eu respondi-lhe que por seis meses de atraso lhe dou o macaco. Ele vale seis meses. Só devo cinco. Tenho mais um mês. Ou então, como o macaco. Começo a ter fome.

Matteo diz, nessa altura, que em muitos países comem macacos e que a carne é boa, e o macaco parece perceber que estão a falar dele e não pára de se mexer de um lado para o outro. Percebe que estão a falar dele, mas não entende que, embora ironicamente, estão a falar de o comer. Está contente o macaco e Matteo tem pena dele, tem pena de Guzi e tem pena de si próprio.

– Estás há quatro meses nesse emprego e ainda não te habituaste?

Matteo não respondeu. Apenas um não com a cabeça.

– Ninguém se habitua àquilo – diz para o seu amigo Guzi.

5.

De novo a mesma pergunta e um não com a cabeça.

– Ninguém se habitua.

Matteo acabara de chegar e estava a tremer. Disse que ia deixar o emprego, que não aguentava mais. Carla, a esposa de Matteo, fora peremptória: precisamos de dinheiro.

Durante essa tarde, pela primeira vez, aconteceu aquilo. Claro que Matteo não contou à mulher. Apenas disse que queria deixar o emprego, que não aguentava mais.

Durante a tarde, no seu horário de acompanhante, Matteo fora convidado por Anna a sentar-se ao seu lado a ver televisão. Matteo, como habitualmente, dirigiu-se à televisão e com o dedo indicador da mão direita ligou-a. Saiu da sala por minutos e depois voltou. No ecrã, uma mulher estava deitada na cama a beijar os testículos de um homem. Matteo ficou parado em pé, à entrada da sala. Não disse uma palavra. Anna continuava no sofá e olhou para Matteo. Perguntou se ele não

se queria sentar, o seu rosto vermelho, os olhos fixos. Matteo não se mexeu. Tenho de sair, disse.

6.

Há talvez semanas que não visitava Guzi. Matteo teve um choque.

A porta estava fechada para a rua e Matteo pensou que aquilo era um disparate, como queria ele assim ter clientes?

Depois entrou e ficou parado, sem reacção. Guzi estava com uma barba enorme e o seu aspecto era terrível. O macaco encontrava-se parado ao lado dele e, quando Matteo entrou, ao contrário do que acontecia normalmente, o macaco não se mexeu. O macaco estava mais magro, Guzi estava mais magro.

– Estou quase a comer o macaco – disse Guzi.

O macaco talvez tenha percebido que estavam a falar dele, mas não se mexeu. Parecia triste.

Cheirava mal e Matteo reparou que, nos cantos do compartimento, havia urina.

– O senhorio deixou-me ficar. Disse que mais ninguém quer esta espelunca. Um bom tipo. De qualquer maneira, não resolve nada. Não se podem comer as paredes.

– O macaco está doente – disse Matteo.

– O macaco está com fome – respondeu Guzi.

– Agora está calmo e parado, mas, a certas alturas do dia, deve lembrar-se dos horários da comida... começa para aí aos saltos, arranha-me; já me atacou.

Guzi está sentado, em frente da sua mesa de trabalho, a remendar umas botas.

– Resolvo vários problemas: vou comer o macaco – disse Guzi.

7.

Anna está em cima de Matteo e as suas ancas contorcem-se a um ritmo que ela própria determina. Matteo está na cadeira da sala, de frente para o vídeo, para onde por vezes espreita, e o seu pénis está duro como jamais pensaria conseguir. Agarra nas ancas de Anna, com as duas mãos, acompanhando os movimentos dela, e tenta não pensar em mais nada, tenta sobretudo não olhar para cima, fixa-se, quando muito no rosto dela, e por vezes, para evitar olhar para aquilo, para os braços que não estão lá, desvia ligeiramente a cabeça e vê dois pénis no ecrã e uma boca que passa de um lado para o outro.

8.

Quando a sua mulher o abraça, Matteo começa a tremer. Os braços da mulher à volta do seu corpo enjoam-no.

Há muitos meses que Matteo fugia da mulher, Carla, mas, ao mesmo tempo, por vezes na cozinha ou na sala, ficava a admirar as suas mãos, a forma como elas se moviam, tiravam coisas de um sítio e punham noutra. Como um acto mágico: pegar num prato, tirá-lo da prateleira e pô-lo numa mesa.

Só numa situação perdera o controlo. Ao sair da casa de Anna, depois do seu horário de trabalho, encontrou num quarteirão mais à frente um amigo que não via há muito e que, com alegria instintiva, lhe estendeu a mão. Foi depois de sentir o frio que vinha daquela mão, que subitamente Matteo se desmanchou e teve de baixar a cabeça para o amigo não ver.

Quando em casa, Matteo não deixava de sentir algo estranho, eram dois mundos paralelos, como se o seu emprego não fosse humano, mas sim outra coisa. Olhava para os filhos, por vezes brincava com eles em jogos de manipulação de pequenos objectos e, nessas alturas, sentia-se a falsificar algo, como se, de um lado ou de outro – naquela casa ou no emprego a lidar com Anna –, estivesse a desempenhar uma personagem. Durante a semana passava cerca de dez horas diárias com Anna – e o que recebia justificava essas horas todas. Mas depois o regresso ao mundo era perturbador. Fora da casa de Anna estava como que atrapalhado. Não sabia onde pôr os braços, pareciam-lhe inúteis, pensava que os podia mandar fora.

– Guzi está a ficar doido – disse Matteo à mulher. – Diz que come o macaco.

9.

Tocou à campainha. Era uma voz de homem. Matteo sentiu um alívio. Está de novo desempregado. Subiu.

A porta abriu-se electricamente. Matteo entrou. O homem teria trinta anos, mais ou menos a sua idade. Tinha uma t-shirt vestida, o que repugnou Matteo. Mas desta vez a impressão não foi tão forte. Os cotos estavam à vista, mas Matteo fez um esforço para não olhar.

– Há uma série de coisas em que preciso de ajuda – disse o homem.

Matteo respondeu que sim com a cabeça.

10.

Matteo bate com força a porta de casa. Está furioso. Afasta-se de mais uma discussão. Segurando-a num braço, traz a bicicleta que já não anda e que nenhum dos filhos utiliza. A mulher insistiu para ele a deitar ao lixo. *Ninguém a compra, só ocupa espaço.*

Matteo despediu-se há cinco meses do segundo emprego e há cinco meses que não consegue outro.

Atira a bicicleta para cima de um monte de entulho e vê, de imediato, uma velha a aproximar-se, tentando perceber o que ainda pode aproveitar.

Está furioso com a sua mulher, com os gritos que em casa não param, porém tenta controlar-se.

Esteve há três dias com Guzi e a situação estava no limite. O macaco não se mexia, devia estar a morrer, e Guzi defecara à sua frente, num canto. A casa de banho já não funcionava.

Matteo não suportara mais do que alguns minutos lá dentro.

De qualquer maneira só poderia falar, e isso já não ajudava. Não tinha dinheiro nenhum. *É inútil ir* – pensa, mas ele vai.

Oito da manhã. Tem de arrombar a porta. Não há resposta e não há barulho. Arromba a porta. De imediato vê os sapatos rotos de Guzi, depois vê Guzi, um pouco acima, a balançar. O cheiro é imundo, há fezes e urina por todo o lado. Matteo grita e abre a porta do pequeno compartimento anexo. Está lá o macaco.

11.

Segurando com as duas mãos uma coisa envolvida em plástico, Matteo avança a passo firme. Com aquele embrulho tem de atravessar uma das ruas mais movimentadas da cidade. Entra no metro. Sai depois e passa por uma rotunda onde, há pouco, ocorreu um acidente grave.

Como se transportasse uma criança muito pequena ou então um animal para se comer numa festa, Matteo segura o embrulho sentindo já dores nos músculos por manter os braços curvados e tensos.

As pessoas sentem o cheiro, afastam-se. Matteo sai na estação de metro da Feira e, transportando sempre com as duas mãos em concha o embrulho, sobe as escadas do metro até lá acima. Ao ver de novo a luz do dia, respira, aliviado.

12.

Vende-se tudo na feira. Há pessoas que vendem o que roubaram – aparelhagens, quadros, jóias, pequenas máquinas, mas muitos vendem apenas o que lhes sobra da própria casa.

Ao seu lado, por exemplo, Matteo tem um homem, **Nedermeyer**, que está a vender fotografias antigas da família.

Matteo disse que não tinha dinheiro, mas que se ele próprio fizesse negócio depois lhe compraria as fotografias.

– Há uma hora vi um atleta a ser atropelado – disse o homem, Nedermeyer. – Está a ser um dia muito longo. (Nedermeyer, entretanto, nada dissera – ou por delicadeza ou por já não ter forças para protestar – mas era evidente o mau cheiro que vinha do embrulho que estava aos pés de Matteo.)

Durante muito tempo, ninguém se aproximou de Matteo ou do homem que estava a vender fotografias do seu próprio casamento. (Mais velho, mas é ele, anos antes, que ali está, nas imagens, com uma mulher. Ninguém quer as fotografias de casamento de outra pessoa, mas é quase tudo o que o homem tem para vender. Dezenas de fotografias do seu casamento, sem moldura, sem nada, só fotografias.)

Finalmente um senhor, com uma certa apresentação, aproximou-se.

Ignorou as fotografias do casamento. Um pouco à frente dos pés de Matteo estava o plástico com aquele volume estranho.

Apontando para o embrulho, o homem perguntou o que era.

– Um metro por vinte centímetros – respondeu Matteo. – É um macaco.

– Um macaco? – perguntou o homem.

– É o macaco do meu amigo Guzi – confirmou Matteo.

– Do seu amigo Guzi?

– Sim, do meu amigo Guzi – confirmou Matteo.



Notas sobre
Matteo perdeu o emprego
(Posfácio)

“E UM HOMEM veio ter comigo com um macaco doente nos braços e disse:

Cura o meu macaco.

Não sei curar animais, não têm alma.”

William Burroughs

1.

Nada de nada: pensamos em pleno movimento; pensar enquanto se corre, pensar para poder correr. Musil e isto: "Uma ideia que se mantém mais de cinco minutos é já uma ideia fixa. Excepto na ciência." Diagnóstico: não estamos preparados para saber tudo logo no início, por isso mesmo continuamos e fazemos perguntas. Camer e o inquérito: se avanças, deixas para trás a hipótese de recuar. Como um maluco que anda em redor de uma circunferência: ao mesmo tempo que avança, recua. Está a avançar para o ponto de partida, está a recuar para o destino – eis nós, enquanto seres vivos: coisas desnorteadas, embriagadas, tentadas pelo caminho e não pela parte alta do mundo (olhamos em frente e por isso ficamos com essa cegueira parcial). Estamos loucos porque temos tempo: as funções e a necessidade guardaram uns minutos entre uma exigência e a exigência seguinte. Ficamos loucos com o tédio, mas também por um excesso de perguntas.

2.

A interrogação é essencial. Impor afirmações que determinam questões. Eu não digo, pergunto – afirma alguém. Como um louco que não dominasse no mundo real o mundo dos pontos de interrogação; como se os sinais gráficos fossem coisas abstractas que o homem não pode levar para a voz nem para as coisas. Pergunto ou digo, ou respondo, como saber? É apenas som que vai de um homem para outro; uma ordem, por exemplo, pode ser uma pergunta dócil; um pedido de ajuda é extraordinariamente próximo da observação funcional de um verdugo; e é isto: no mundo, as coisas e a forma das pessoas viverem são mais complexas porque não há, como na escrita tranquila, a pontuação que explica tudo a quem lê como se quem lê fosse parvo.

- Já maltratou animais?
- Sim.
- Já fez bem a algum animal?
- Não.

(Camer e o inquérito)

3.

Hesitar sempre foi um projecto de vida para alguns. Ser capaz de continuar a hesitar até ao fim, eis o difícil. Por vezes, um homem chega a meio da vida e desata a correr como se soubesse para onde vai. Outros não o fazem, e a sabedoria é isto: no momento da partida excitante e rápida pára-se para apertar os atacadores. Hesita-se por falta de equipamento para a decisão. Não estou equipado para a prática desportiva da decisão. Eis, pois, que digo simpaticamente: ganhe você, por favor. O que de certa maneira é isto: eu não tenho tempo para ganhar, estou tão ocupado a hesitar que aqui fico, em redor de nada, de modo a ter uma referência negativa. Quando vir qualquer coisa que me excite devo virar-lhe as costas; quando me estiver a entediar, é aí que eu fico. O meu nome só deve ser conhecido pelo moribundo. Que vai para falar e cala-se, que vai para respirar e não consegue, vai o seu coração para bater e fica suspenso – e como não bate, o momento seguinte não chega e o corpo inteiro morre, como se todos os convidados combinassem sair ao mesmo tempo de uma festa demasiado ruidosa –, mas, se todos os que faziam ruído saem ao mesmo

tempo, a festa ruidosa, lá dentro, fica uma festa em silêncio e nada. E é lá para fora que vai o ruído. Porém, a diferença talvez seja esta: lá fora os convidados estão rodeados de mundo que, apesar de tudo, é mais largo e mais distraído do que uma sala individual. Vou fazer barulho para o meio do mundo, isto é: vou fazer silêncio (porque o mundo é grande e ruidoso).

Em *Matteo perdeu o emprego* não há hesitações no itinerário da narrativa porque felizmente existe a ordem alfabética.

4.

Eis a Inquisição: eu faço a pergunta de louco – eu, que pergunto, faço de louco e tu, que respondes, fazes de sensato, ou seja: eu pergunto qualquer coisa, pergunto de olhos fechados, pergunto embriagado, pergunto sem saber conjugar sequer as palavras, pergunto em desequilíbrio absoluto e tu respondes sempre o mesmo qualquer que seja a minha pergunta, respondes o que eu quero ouvir, pois eu sou o possuidor da força. Eis a Inquisição. Que me importa a pergunta que faço? Podes até fechar os ouvidos, tapá-los com as mãos, à minha frente, nada disso me importa, eu sou um inquisidor, não sou o homem que veio para praticar diálogos. Tapa pois os ouvidos e responde à minha pergunta, consegues entender isto?

Sim, responde quem nada ouviu.

Uma pergunta do inquirido de **Camer**:

O ouvido pode decidir mais conflitos do que a visão?
Resposta sensata seria esta: não ouvi a questão, perdoe-me.

Pode repetir?

5.

Como encontrar na floresta, quando se está perdido, a verdadeira casa? Eis o difícil. Encontrar casa na casa é para pessoas que se orientam bem, que têm bússola, que reconhecem o caminho já feito e o rosto das pessoas que se sabe que, em princípio, não são lobos que de noite gostem do seu pescocinho tenro. Coisa, pois, de amadores, de pessoas pouco habilitadas.

Encontrar casa no perigo, isso sim – como um carpinteiro que põe as diversas madeiras num equilíbrio de alguns segundos. Decerto vai cair, mas repara que, por enquanto, uns segundos assim, não cai estando no ponto em que devia cair. De qualquer maneira, isto: como na discussão das bandeiras de Koen – o difícil é no meio da floresta agressiva impor uma estaca mais ou menos maternal. Voltar a casa é fácil, basta não te enganares no caminho. Não voltar a casa é que é difícil: é necessário que não queiras reconhecer, outra vez, o caminho.

6.

Baumann e o lixo; o que já não vai para lado nenhum, eis o lixo. Mas isso apenas para quem está de um lado, do lado de cá, dir-se-ia – porque para os outros, os que trabalham no lado do lixo, esses sim, percebem – só os que cheiram mal percebem que o lixo inicia outra narrativa, que o lado do lixo é o lado do início, é a primeira palavra. Ou seja: o que estava arrumado em definitivo, o lixo, eis que ressuscita como qualquer mágico no meio de um bom truque e diz: aqui estou eu, começamos!

E, de facto, algures, começam.

7.

Veja-se o exemplo de **Kashine** que, ao introduzir o *não*, um simples *não*, três letras,

N

Ã

O

introduz o caos; introduz, de certa maneira, a maldade, a maldade em três letras do alfabeto. Pan-demónio, pan – o demónio em todo o lado, como nas carteiras das senhoras, carteiras que estão num pandemónio, eis o mundo e eis um texto: bastando acrescentar o não, onde antes estava o sim, para dar início ao inferno, ao desassossego.

8.

Eis o que é pensar: saber desenhar. A geometria já se sabe, como coisa antiga – o que separa, o que liga.

Mas podemos pensar nisto, pensar nesta situação: no aprendiz que quer logo desenhar o infinito. Dão-lhe lápis e uma folha, ele mal sabe desenhar uma cabeça e mal sabe que a cabeça humana fica em cima do tronco e as pernas em baixo, o corpo humano são três desenhos ligados entre si, três partes: as pernas, o tronco, a cabeça que é uma roda, uma coisa que está em cima e circula e eis pois o aprendiz que divide um em 3, o corpo da mãe em três – o aprendiz aqui está ele a querer logo desenhar o infinito, e o professor porque não percebe a exigência ou a necessidade diz: avança. Mas se o aprendiz avança, o professor perderá a sua função, bem pior que isso: a sua autoridade – bem pior que isso: a sua aura, será maltratado pelos alunos como o professor de álgebra que embora saiba tudo – conhece a forma como os números se aproximam e se afastam – embora tenha toda essa cabeça

brilhante e arrumada, esse professor tem um terrível hálito a vinho, e bebe para poder suportar toda essa exactidão e por isso os alunos não tiram dúvidas, preferem ficar ignorantes na matemática, preferem não entender o essencial a ter de pedir a aproximação de uma boca que cheira mal. Eis o ensino, e talvez uma fábula, qualquer coisa assim.

9.

Pensemos naquele professor **Diamond** e no lixo que avança, mas avança na vertical, sobe, vai atingindo os andares mais altos da escola e, apesar de tudo, apesar do mau cheiro, os alunos continuam a querer aprender e o professor não desiste. Trata-se de quê? De uma ficção; eis, pois: de uma mentira, de uma história para crianças – e se o mundo fosse assim? Mas, de facto, não: ninguém aprende sob a influência do mau cheiro – talvez tal imobilize mais até do que o excesso de ruído, ou do movimento, aprende-se melhor na balbúrdia do que na cozinha com dejectos.

Pensemos de novo nisso: no homem (**Baumann**) que limpa o lixo e no lixo que continua sempre a subir e a ocupar os vários andares da aprendizagem. Por exemplo, se o aluno se quiser suicidar pode sempre atirar-se da janela, mas naquele caso cairia sobre o mau cheiro, sobre coisas que enjoam – e o suicídio nunca quer cair sobre coisas nojentas, quer cair sim sobre nada, sobre uma coisa que faz com que eu deixe de chorar. Por favor, elimine-se o sentido do olfacto. Por isso aquela escola era ficcional. Muito pior que taparem todas as

janelas é impedir que os meninos tapem com uma mola o seu nariz. Aprender a ler, escrever e contar e também isto: aprender a não cheirar. O lixo sobe, vão sair dali os magníficos que impedirão que o mundo vá abaixo, mas tal só acontecerá porque os meninos suportaram o cheiro do que enjoa de uma forma estóica: aprendi matemática apesar de cheirar mal pelo mundo inteiro; concentrei-me na exactidão, na lógica, nas vírgulas que arredondam ligeiramente os números. Estar atento às casas decimais apesar de estar rodeado do que é podre. Eis o homem e o seu século, mas isto talvez seja excessivo: nada se define com uma só frase; mesmo as coisas grandes, como um século, não se definem com uma única frase (mas é muito óbvio isto: quanto mais pequena uma coisa, mais palavras necessitas para a descrever. Por exemplo, o mundo inteiro e todas as suas diferenças – até uma criança tem palavras para o descrever. O mundo é uma brincadeira para o vocabulário de uma criança, já uma determinada folha de árvore ou um certo micróbio – eis coisas que exigem o longo discurso do especialista).

10.

Por exemplo, a rotunda em forma de quadrado: uma rotunda que implica/exige um movimento de quem rodeia um quadrado, ou o inverso. Rotunda sabotada pela geometria.

Um conselho: fala pouco: fala do que é grande. Assim mesmo: a afasia diante do enorme. Tentar ser afásico, ou seja, tentar encontrar o sítio onde se está diante do grande; todas as coisas pequenas estão nas nossas costas – como encontrar tal posição é difícil! É, de certa maneira, um labirinto semelhante àquele que o gordo **Horowitz** conhece bem. Para chegares à afasia que se tem apenas diante da grandeza necessitas de saber o itinerário no labirinto. Mas a vida de certa maneira é isto: quando já sabes, quando já vês o ponto de saída, tens de esperar, por educação, por delicadeza, pelo gordo enorme que se arrasta lentamente à tua frente – e tens de esperar por ele, ou melhor, tens de ir atrás dele, pois foi ele, o gordo, quem te salvou, quem te disse por onde poderias sair desse buraco em forma de percursos impossíveis de desenhar –

um desenho de louco, eis o labirinto. Mas sim, estás vivo e estar vivo é isto: já vêes a luminosidade que anuncia o ponto de onde só se vêem coisas grandes e por delicadeza não ultrapassas o teu salvador. Cristo nunca vai atrás dos apóstolos, os apóstolos nunca conduzem Cristo (a não ser que este esteja já morto). E o que é, é isto: como és delicado vais atrás do gordo e o gordo nunca mais sai do labirinto e tu morres mesmo quando estavas a sair para o ponto de onde finalmente só verias o grande grandioso e poderias ter ficado afásico, sim, mas não ficas porque és delicado.

11.

Nos crimes: vê esta fotografia? É este homem? Sim, dizem 10 testemunhas.

A fotografia prova; a fotografia como o processo racional por excelência; a imagem substituiu o $2 + 2 = 4$. Imagem: luz sobre papel. O verdadeiro iluminismo não é, pois, o da enciclopédia ou o do grande raciocínio do cientista, a principal luz é a que forma a imagem, a fotografia, o filme; tudo isto é o topo do iluminismo, o grande destino do homem: a luz finalmente chegou, a luz que tudo prova. É este o homem? Sim, é este: o da fotografia.

É este também o criminoso (e apontamos agora *para quem mostra* a fotografia) pois é ele que põe no lugar da inteligência, da dedução, indução e outros processos, é ele que substitui estes métodos, de uma vez e para melhor, por uma imagem. É este o criminoso, dirá quem ainda viver noutro século, e quem ainda julgar que ser racional é pensar. Mas nada disso, pois claro. No século XXI: ser racional é ver.

12.

Neste particular o cego **Goldstein** compensa o ser cego – a sua falta completa dessa racionalidade do século XXI – compensa a cegueira, a falta da racionalidade, com o dinheiro – é rico.

O dinheiro como a outra forma de ver. Não vejo, mas tenho dinheiro – ou seja, é a minha forma de ser racional: compro. Como não entendo, como não posso ver – testemunhar pela vista – então compro. E sim: comprar substitui o acto de ver porque comprar é ter a possibilidade de obrigar a aproximar. Aquilo que eu compro é aquilo a que eu posso ordenar: aproxima-te. Eis, pois, o percurso: não vejo, sou cego, mas compro. Isto é: obrigo a coisa que não entendo a aproximar-se de mim de forma a que eu possa tocar nela, nessa coisa. Em suma, como tenho dinheiro, não vejo, mas toco. O dinheiro permite tocar.

O cego **Goldstein** não vê, mas toca. E daí a importância da prostituta, esse 'objecto' tocável por excelência, tocado pelo dinheiro: quanto mais dinheiro mais tocas, mais conheces. A prostituta sintetiza a racionalidade alternativa dos cegos. Não

tens acesso à grande racionalidade do século XXI – a fotografia, a imagem – mas podes entender de forma coxa, entender como um coxo que, em vez de insistir em correr, decide dançar e é admirado pela forma original como dança. Dançando não se nota que coxeia – porém ninguém (nem o coxo) pode dançar muito tempo.

13.

O rico cego, **Goldstein**, atraído pelos minúsculos elementos da tabela periódica. Um cego, no fundo, atraído não apenas pelo que é visível, mas também pelo que dificilmente é visto até por quem tem olhos saudáveis. Atraído, de certa maneira, pelo invisível, por aquilo que é tão pequeno que, mesmo quem vê, não consegue ver. Sentir-se próximo dos que vêem, não porque começa a ver mas porque os arrasta – aos que vêem – para o campo onde todos são cegos.

A tabela periódica como mundo alternativo, mundo paralelo dos cegos: nada de automóveis, nada de casas, árvores, pedras – esse é o mundo onde quem tem olhos manda – avançar sim para as pedras do mundo minúsculo: os elementos periódicos. Eis que somos irmãos: o cego **Goldstein** e a sua tabela periódica e os apressados, os de olho de águia, os carteiristas, por exemplo, que não vêem apenas o que está visível, mas até a distração do outro, vêem o ponto para onde o homem com carteira dirige a sua atenção. Vêem – falamos dos bons carteiristas – aquilo em que o outro está a pensar.

(Ver o pensamento – eis o oposto do cego que nem o rosto de quem está a pensar vê, quanto mais o seu pensamento.)

Entre o carteirista e o cego há então uma grande distância. Mas aí está **Goldstein** com a sua tabela periódica nas costas do prostituto **Gottlieb**. Vejo o que me interessa do mundo tateando as tuas costas, erotismo que substitui capacidades ópticas. Como não distingo visualmente o que está longe do que está próximo, provo a mim próprio que algo está próximo, tocando.

14.

A coisa não é muito confusa. O que é o labirinto onde **Holzberg** e **Hornick** se perderam senão essa coisa inaceitável que é sermos enfiados dentro do desenho de um esquizofrénico?, reduzidos primeiro (miniaturizados) e depois ali estamos nós num desenho louco em que os traços ganharam volume e nos cercam. Somos, pois, castigados por termos a nossa cabeça sã, e o labirinto é sempre um castigo que tem a ver com a dimensão: em qualquer labirinto temos a noção finalmente de que somos anões e não seres normais. O labirinto é, pois, uma máquina de fazer miniaturas. Não vemos por cima, não somos suficientemente altos: estamos então perdidos. No fundo, somos crianças – não sabemos por onde sair daquele emaranhado de traços verticais. Estamos perdidos, não a meio da vida; bem pior do que isso: estamos perdidos logo no início da vida, quando ainda somos pequenos, quando não temos ainda estatura suficiente para ver, de cima, traços – e perceber por onde podemos ir. Eis, pois, que os dois amigos ali estão, a seguir as migalhas do conto infantil porque realmente podem ser grandes e sérios e adultos e importantes

mas o labirinto impõe o regresso, uma volta atrás no tempo; é disso que se trata, voltarmos a ser meninos. No fundo, o labirinto nada tem a ver com o espaço, trata-se sim de desorganizar o nosso sentido do tempo: pensávamos que éramos adultos e agora somos assim: pequenos e parvos, a andar em círculos vários. E não se trata aqui apenas de andar à volta de uma simples circunferência – como o Sr. **Aaronson** – são, sim infinitas circunferências que nos atiram de um lado para o outro. No fundo, como se tivéssemos entrado não num labirinto mas numa máquina, e as roldanas da máquina, rotundas mecânicas mais pequeninas, tal como as outras – as grandes, as da cidade – também atiram o trânsito para um lado e para o outro, para a direita ou para a esquerda. Somos tão pequenos à procura do bocado de pão que marcava o caminho que não percebemos que já não estamos dentro de uma história infantil, agora é bem pior; estamos dentro de uma máquina com rotundas urbanas minúsculas que nos atiram para um lado e para outro como se nos batessem; mas não: estamos simplesmente desorientados; e **Holzberg** e **Hornick** acabam afinal por sair não de um espaço, mas sim, como dissemos, de um tempo; saem como se saíssem de uma fotografia antiga, da fotografia que os apanhou quando eles eram ainda meninos e não tinham tamanho. Saem do labirinto como se saíssem da infância – atrás do gordo **Horowitz**, os dois, **Holzberg** e **Hornick**, recuperam a idade adulta. Estão de novo cá fora, no exterior do labirinto – estão, pois, de novo adultos – e a sensação é boa, sim, mas apenas por alguns instantes. É a sensação de caminhar por cima de um desenho, por cima de traços. No fundo, dentro do labirinto és pequeno e tens medo; fora dele, tornas-te grande – e pisar um traço é mais fácil do que saltar à corda.

Agora, és adulto e a altura das coisas que te rodeiam é demasiado estável. Se **Holzberg** e **Hornick** tivessem reflectido voltariam atrás – depois de serem salvos regressariam de novo para o labirinto.

15.

Camer e o inquérito. O problema é sempre este: és tu que estás na posse das perguntas – a minha liberdade é, pois, nula. Só posso responder. A idiotia comum é esta: a pessoa pensar que está livre porque pode responder, porque pode escolher. A grande diferença é esta: és obrigado a escolher: sim, não – e é essa obrigação que te rouba a liberdade mínima.

Nem prefiro não, nem prefiro sim. Pelo contrário.

16.

Mais uma vez: desenhamos, não contamos. É completamente diferente: 1, 2, 3, 4, 5 ou: desenhar. Espalhar ao acaso traços pelo espaço. Ou então dar uma forma aos traços, organizar.

Como na tabela periódica que **Goldstein** inscreve nas costas do prostituto **Gottlieb**. O que importa não é que elemento apareceu primeiro, o que importa – para quem toca nas costas do prostituto **Gottlieb** – é onde está cada elemento. A diferença entre: eu conheço porque me oriento, e eu conheço porque sei ordenar. Dar uma ordem é distribuir no espaço (mas eu posso conhecer uma desordem); aliás, tal é um bom exercício: desenhar uma desordem, desenhar ou fotografar o local onde acabou de explodir uma bomba. Conhecer é isto: cartografar a desordem. Se conhecer fosse cartografar a ordem, seria igual a andar em redor de si próprio: para trás, portanto.

17.

Nem sempre conseguimos suspender a seriedade enquanto saltamos à corda ou até no momento da gargalhada. Quantas gargalhadas sérias colocámos já no mundo? No fundo, sob a gargalhada descontrolada está sempre a cara de mau que diz aos outros: não te aproximes de mais, mantém-te atento porque eu sou outra pessoa, não sou aquele que te obedece, sou sim aquele que contigo luta.

Na barca da razão fogem sete homens, um deles é **Kessler**. Trata-se, no fundo, da fuga ligada à seriedade. Só os sérios fogem; os que avançam por meio de acrobacias, pelo contrário, não se sentem ameaçados quando rodeados pelos loucos. A cidade é séria, e quando não é exige que os homens fujam de modo a fundarem uma outra cidade. Num barco há coisas que são mais fáceis – mas, por exemplo: é muito mais difícil fugir: se as cidades fossem cidades-barco, poupava-se nos sistemas complexos que tentam impedir as fugas.

18.

O que são sete homens racionais num barco? Isto: sete razões num barco, sete potenciais conflitos, sete armas, sete argumentos, sete tensões, sete arcos e sete flechas, sete formas de ameaçar o que está em redor, sete modos de defesa; enfim, sete mortes, sete assassinos em potência.

Mas a entrada do pensamento dos outros é também isto: deixar que o corpo do outro ocupe o espaço que o nosso corpo ocupa neste momento. De certa maneira, isto: se concordo contigo, cedo o meu espaço.

Os sete homens no barco, porque têm o espaço limitado e em redor água e afogamento, têm isto muito claro. Não posso concordar contigo, não tenho espaço para concordar contigo, não tenho metros quadrados para poder concordar contigo; não sou, no limite, um proprietário suficientemente rico para te poder ceder a minha razão. Porque dar razão ao outro é isso mesmo, literalmente: é dar a sua razão ao outro, é oferecer a

sua razão como o derrotado oferece a sua cabeça para que o vencedor decida do seu destino.

Corto a cabeça da razão, que me ofereceste, ou sou magnânimo? É evidente que os sete homens no barco não têm tempo para a compaixão. A compaixão requer um tempo que se aproxima da sensação de imortalidade. Posso ser bom para os outros porque terei ainda tempo para ser bom para mim próprio.

19.

No fundo, os homens separam-se assim: primeiro são muitos numa cidade, depois fogem sete para um barco – os que se julgam racionais – formam um grupo, uma associação, a associação dos homens em fuga, com **Kessler** no seu comando, depois quatro ficam loucos e os restantes três afastam-se noutra bote, depois dois, depois um, **Klein** – eis o que é estar vivo: de 100 mil passo para sete, de sete para três, de três para dois e, sempre, no fim: um, apenas – pois apenas se naufraga individualmente. E, de facto, o que aconteceu relata bem o percurso das diferentes racionalidades individuais: vais afastar-te dos que pensam de maneira muito diferente de ti. Um afastamento pacífico que envolve apenas a colocação de espaço entre a tua razão e a dos outros (fugir, afastar-se, etc., são métodos de armazenar espaço). E aqueles que estão mais próximos, aqueles cujas razões individuais estão mais próximas da tua razão individual, a estes acabarás por matar, violentamente. Porque estão já há tanto tempo tão próximos de ti que não tens espaço para outra opção. Matas, pois.

20.

No fundo, o labirinto também é isso: uma infinidade de sem saídas. Não se vai a lado nenhum por muitos lados, ou: há muitos caminhos para não se ir a lado nenhum: eis o labirinto. E, como se existisse apenas uma verdade e uma solução no mundo, o labirinto funda essa coisa estranha que é a crença num único caminho; um processo violento: todos os caminhos estão barrados excepto um. Eis o que **Hornick** e **Holzberg** percebem.

Um labirinto tem, pois, a forma espacial de uma religião. Diria que é o desenho de uma religião, de uma crença. No fundo, qualquer minotauro que se ponha por ali só apressa a coisa, e apenas nos segreda que somos mortais. Somos mortais porque há o minotauro que nos mata, portanto não podemos sentar-nos à espera da solução: tens de ser crente mas a passo de corrida, eis o que o labirinto ocupado pelo bicho mau nos diz: reza para descobrires a única saída, mas reza como um corredor de 100 metros, reza enquanto corres à tua velocidade máxima. Se correres muito rápido, não

precisarás de palavras santas – a corrida terminará antes do início da prece.

21.

Um barco é um dos mais belos fragmentos materiais, um pequeno barco com sete homens racionais lá dentro, eis um fragmento de exceção – um fragmento que avança, que percorre espaço, que é transportado pela natureza normal das águas, um fragmento que não faz força para avançar – os sete homens racionais não precisam de remar, basta deixarem-se ir pela corrente e, portanto: dentro de um fragmento que anda por si próprio, ali estão sete razões.

Passar desse barco para um bote mais pequeno é saltar para um novo fragmento, para um novo início – e porque mais pequeno, mais ágil.

22.

O controlo, sempre essa ansiedade. Ser o capitão do navio (mas o mundo não é isso) ou, como **Helsel**: ter todos os minúsculos animais fechados e, depois, contabilizar. Eis a ânsia de **Helsel**: que a vida lhe permitisse ser contabilista, alguém que está de fora e simplesmente conta (como uma criança que esteja a aprender): 1, 2, 3, 4.

De facto, o mundo é injusto para **Helsel** quando o seu pai morre – porque o puro contabilista, o puro observador não tem pai, está só no mundo: não está só com todos aqueles que ama, como dizia Novalis, está só, apenas. Vieram de facto trazer-lhe uma notícia e essa notícia interrompe a contagem: o espectador é chamado para o palco ou, mantendo-se no seu próprio lugar de espectador, é ameaçado pela arma verdadeira que, cumprindo um guião secreto, uma dramaturgia secreta vinda do palco, mata no tempo previsto, no minuto exacto, o espectador que se julgava na posição de contabilista ou de

mero juiz: gosto, não gosto. Pois bem, a bala é afinal verdadeira e é afinal para si. Eis o que diz o guião.

Poderemos até pensar numa personagem que seja um contabilista não de coisas, substantivos (que não conta maçãs, automóveis vermelhos, árvores, mulheres bonitas ou feias, crianças), um contabilista que recusa esta contagem de coisas materiais que ocupam espaço – animais, plantas, máquinas, elementos humanos, baratas no caso de **Helsel** – e que se fixa, esse contabilista raro, em factos, acontecimentos, gestos, em elementos que surgem no mundo no exacto momento em que desaparecem. Por exemplo, contabilizar o número de vezes que as pessoas – numa determinada rua, durante o dia 3 de março do ano x – colocam a mão na cabeça, ou se penteiam, ou gritam, contar enfim aquilo que cada um faz porque sabe que o que está a fazer vai desaparecer. Contabilizar, no fundo, invisibilidades; factos sim, mas que não se podem repetir e não se fixam.

Helsel e a exactidão; o que perturba a exactidão: a morte. Semelhante a um desastre: um boião de tinta que por imperícia é derrubado sobre uma folha de contabilidade de que não temos cópia.

23.

Por vezes é um bom exercício: pensar o mundo como um colectivo cheio de tiques, tal como **Cohen**. E aos tiques do mundo poderemos chamar hábitos ou convenções; os tiques de uma cidade, eis o que um contabilista urbano, um bom observador sociológico, pode e deve procurar. E tiques urbanos, tiques sociais, são isso mesmo, tiques – ou seja, gestos involuntários, sem função. Gestos inúteis, gastos de energia. Quantos tiques tem uma cidade?, quanta energia é atirada para o lado oposto ao do alvo?

E, se quisermos, uma cidade, um colectivo, tem também essa copropraxia, *essa maneira involuntária de insultar os outros*, de os maltratar. Eis o que o médico de uma cidade pode e deve fazer (um médico-urbanista): olhar para a cidade como o médico olha para **Cohen**: dar uma medicação para os tiques, ensinar processos gestuais e mentais que permitam controlar esses gestos irreflectidos e, acima de tudo, tentar diminuir a agressividade do colectivo; a cidade é, no fundo, um **Cohen** que não pára de nos insultar sem razão alguma. Perdoamos

porque já nos foi explicada a sua doença. Copropraxia, eis a doença das grandes cidades.

24.

Kashine e os seus *nãos*. *Não* é o vocábulo mais assertivo no mundo da linguagem. Bem mais do que o *sim*; o *sim* abre uma continuidade, *sim* e avanço, *sim* e algo mais. O *sim* começa, o *não* termina. O *não* encerra. Não há vocábulo mais assertivo; é em linguagem a palavra mais mortal. Queres? *Não*. Vens? *Não*. Podes? *Não*. Fizeste? *Não*. Vais fazer? *Não*.

Pois o que vemos na história de **Kashine** é precisamente esta exactidão que explode, que provoca múltiplos efeitos, um *não* que perturba, que põe em causa, um *não* que não domina os seus efeitos.

Eis **Kashine** e o seu programa: provocar o distúrbio do mundo por via do inequívoco.

25.

Pensemos também em **Kessler**: um *não* inequívoco provoca um mal-entendido que termina no divórcio. **Kessler** foge para uma ilha onde, aos poucos, todos vão ficando loucos.

Empurrado, pois, pelo *não* que coloca em ordem: é o *não* que organiza as taxinomias, bem mais do que o *sim*.

Pensemos na taxinomia de Lineu ou em qualquer outra: o *sim* tem estas características: faz com que uma planta, em princípio, se junte a outras – e é o *não* que vai diferenciando, separando, enviando uns elementos para um lado, outros elementos para outro. Mas para sermos justos: o *não* e o *sim* trabalham em conjunto para pôr em ordem a confusão de que se partiu. O mundo é sempre uma confusão e uma taxinomia que o tenta organizar é uma gestão de tráfego onde *sim* e *não* são as direcções; e apenas com dezenas de *sim* e dezenas de *não* se organiza o caos, até ao ponto em que cada elemento está separado de todos os outros; do mundo vasto e barulhento e brutal e confuso se chega, pelo caminho do *não* e do *sim*, à unidade mínima. Eis, pois, a história da racionalidade. Mas o que vemos na narrativa de **Kessler** é bem diferente.

Kessler está no seu sítio, está casado – para ele estar ali é porque a sua existência já respondeu *sim* e *não* a uma série de questões, a existência empurra o homem até um ponto e, por vezes, pensa-se que esse é o ponto final e que dali para a frente não haverá mais questões que exijam ser respondidas com *sim* e *não*. Talvez **Kessler** pensasse assim e por isso aquele *não* que **Kashine** escreveu, sem que tivesse existido antes qualquer pergunta, provocou a confusão, incitou ao movimento, à alteração daquilo que parecia já ter parado por não ter mais por onde andar. O *não* que **Kashine** escreveu nas costas de **Kessler** em vez de, como nas taxinomias e nos computadores, ordenar – pelo contrário: retira primeiro **Kessler** da sua vida anterior e atira-o depois para a confusão, por excelência – para a ilha dos loucos, dos que não se entendem. Loucos assim como aqueles que baralham constantemente o *sim* e o *não*; nunca os distinguem, utilizam aleatoriamente a arma mais racional do mundo, esses dois pequenos vocábulos. Porém, **Kessler**, como qualquer homem, não desiste de encontrar o seu lugar nessa confusão de factos, acontecimentos e pessoas; quer encontrar o seu lugar único na taxinomia que ele pensa poder dominar. E por isso foge dos loucos, da confusão, do mundo sem estrutura taxonómica e foge de barco com outros seis homens. Eis uma taxinomia em andamento. De muitos indistintos (os loucos), pelo menos **Kessler** consegue passar para um grupo de sete. Mas um homem é um homem: rendido como está à ilusão de que cada homem tem o seu destino, eis que **Kessler** vai avançando com os muitos *sim* e *não*. *Não* quer continuar com quatro dos sete homens, pois estes parecem-lhe também loucos, e *sim* quer continuar com outros três. E ali está a taxinomia, deu mais um passo. Antes estava num grupo de sete, agora num grupo de três. **Kessler** está contente? *Não*.

Um desses três é visto como louco, como tendo características distintas que não lhe permitem estar no mesmo barco – não estamos todos no mesmo barco, diz, da sua narrativa, **Kessler** a Pascal, pois **Kessler** tem a ambição, muito comum, de ter um barco apenas para si. Estou eu apenas neste barco, eis a frase que o novo século impõe por cima das frases clássicas. E aí está **Kessler** num barco, sim, mas ainda com outro: dois homens para um barco, dois elementos do mundo para uma posição, eis uma taxinomia ainda errada porque incompleta – há um a mais porque todos os humanos são diferentes; trata-se de um insulto, este, o de alguém ou algo julgar que pode ir no mesmo barco do outro. Eis o máximo da racionalidade, eis o máximo do afastamento em relação à loucura. **Kessler** antes de matar o companheiro que restava é assassinado – e este acto de exibição da racionalidade última, este acto que instala a última decisão do sim-não, este último *não*, no fundo, finalmente, acaba com o percurso da taxinomia. **Kessler** está sozinho, enquanto cadáver. **Klein**, sozinho, no barco. A razão inteligente fez o seu percurso e a ideia do século, de certa maneira, está cumprida.

O que acontece depois ao único sobrevivente, **Klein**, é outro assunto. Talvez tenha sido visto como um louco porque levou a racionalidade da taxinomia até ao fim. Se não queres ser internado, eis um conselho: não digas o teu último *não*. É necessário parar antes.

26.

Importa isto: o alfabeto como hierarquia, elemento aleatório que dá uma ordem que nos parece sensata. Eis um milagre.

Em *Matteo perdeu o emprego* tudo acontece por ordem alfabética. Semelhante a uma escola de meninos: tudo responde pela ordem alfabética do seu nome; todos cumprem o regulamento e, por isso, só por isso, se consegue chegar a **Matteo**. Ao M.

27.

Poderemos pensar nisto, e só agora penso nisto: que os vinte e dois homens que aprenderam com o professor **Diamond**, os vinte e dois homens que resistiram ao fedor da subida constante da maré do lixo, esses homens que mantêm a cidade organizada, que evitam secretamente que esta sucumba, poderemos pensar então que esses vinte e dois homens são afinal, em corpo, as letras do alfabeto. E enquanto esses homens andarem por aí, secretamente, poderemos ter confiança no mundo.

Mas se cada um é uma letra talvez as letras que faltam expliquem a desordem que, por todos os lados, avança.

A confiança ainda na analogia dos acontecimentos unidos como peças de dominó que se organizam numa circunferência. A confiança na analogia: ordem alfabética – ordem de acontecimentos.

28.

Glasser vai às prostitutas carregando atrás de si a bateria. Se a ligação com a bateria que alimenta o seu coração artificial for cortada, **Glasser** morre. Mas embora esteja nesta situação frágil, em que o corte de uma única ligação, neste caso uma ligação eléctrica, provocará a sua morte, **Glasser** não desiste de viver e de fazer tudo o que deseja. Trata-se, depois, de fornicar com o empenho possível mas também com a delicadeza necessária para que a ligação à bateria não se quebre. No fundo, somos todos **Glasser** – basta o corte de uma ligação para morrermos. Talvez **Glasser** tenha, sobre todas as outras personagens, uma vantagem: ele sabe exactamente qual é a sua ligação essencial, ele localiza ao pormenor a ligação que, se for interrompida, o levará à morte. Todas as outras personagens, todas as pessoas normais, desconhecem qual a ligação última.

Glasser: exhibe a sua mortalidade exibindo a última ligação.

Mas repare-se que não basta essa ligação manter-se. É uma bateria que está ali a alimentar o seu coração, ou seja: é

necessário, de quando em quando, recarregar a bateria porque de nada serve mantermo-nos ligados a uma coisa morta.

De facto, eis o que todos procuram: localizar a sua última bateria e saber como ela se carrega.

29.

Pensar ainda numa tabela periódica que, em vez de distribuir elementos microscópicos, distribui cidades. Muitas ordens possíveis para essa tabela de cidades – n.º de habitantes, dimensão em metros quadrados, riqueza, número de guerras que ocorreram no seu espaço, etc. Os critérios são infinitos e, por isso, instalar-se-ia uma discussão interminável. Colocamos na tabela as cidades por ordem alfabética e a confusão desaparece – uma certa sensação de ordem instala-se.

30.

É evidente que a forma geométrica deste "Matteo..." é a circunferência. Começando na rotunda e terminando na última personagem que é, afinal, a penúltima: a que vem antes do que não se sabe ainda o que é, a que vem antes do que ainda não existe. O livro não termina em **Matteo**. Uma nova personagem é chamada – **Nedermeyer**, mas então não estamos afinal diante de uma circunferência, mas quando muito diante de uma elipse. De Matteo não voltamos a Aaronson, de Matteo avançaremos para Nedermeyer, personagem que suportará não sabemos ainda que acontecimentos. Não há circunferência porque não se chegou ao Z, eis uma justificação possível.

31.

No romance de Gombrowicz, *Cosmos*, toda a narrativa rodeia o problema das combinações:

“[...] debatiam-se vários assuntos, e, a dada altura, Lucien perguntou ao sogro o que é que ele pensava disto, imagine dez soldados a marcharem uns atrás dos outros, em fila indiana, no seu entender quanto tempo será preciso para que esgotem todas as combinações possíveis da sua ordem de marcha, se, por exemplo, se puser o terceiro em lugar do primeiro e assim sucessivamente... e supondo que se faz uma mudança por dia?”

Eis uma daquelas perguntas que faz o questionado duvidar e que envolve um problema simples: a desproporção entre a quantidade de elementos e a quantidade de combinações entre esses elementos.

“Léon reflectiu.

Três meses, mais ou menos que tais.

Lucien respondeu:

Dez mil anos. Já se calculou.

Meu caro – disse Léon. – Meu caro... meu caro...”

Sim, meu caro: estes grandes números deixam-nos sempre perplexos.

Aquilo que constitui uma ordem inclui dentro de si a possibilidade de infinitas combinações, portanto: de infinitas ordens. Basta pôr em causa a hierarquia – quem vai primeiro, quem vai a seguir – para surgir a possibilidade de milhares de novas combinações.

Uma experiência: trocar a ordem alfabética, aceitar que o mundo não acontece primeiro no A, mas sim no 1.º dia. Se a personagem **Goldstein** surgisse no início, substituindo grosseiramente o A, o que poderia suceder?

Bem, se acreditássemos na ordem alfabética, e na sequência que foi dada, começando por **Goldstein** – então **Einhorn, Diamond, Aaronson**, e todas as personagens começadas por letras que surgem antes no alfabeto não apareceriam ou, quando muito, apareceriam apenas na segunda volta, quando a narrativa chegada ao Z regressasse ao A, assumindo-se assim que o Z é o prefácio do A, tal como o C só faz sentido depois do B.

32.

Em *Sobre as falésias de mármore*, Jünger descreve o “sentimento de uma segurança magnífica no meio do mais ardente perigo.” Na confusão perigosa do mundo, todos procuram a segurança, um ponto de apoio.

Os protagonistas, no meio do caos e da destruição, tentam orientar-se na floresta (símbolo do desorganizado e do confuso) através do conhecimento que têm sobre as flores – “procurávamos”, diz um dos protagonistas, “orientar-nos no caos pela admirável obra de Lineu, que se ergue como uma torre de vigia donde o espírito abarca as zonas de vegetação selvagem”.

Orientavam-se então no meio do caos, do terror que os rodeava, porque se agarravam (e seguiam) um conhecimento – “Naquela confusão, se não nos orientássemos pela drósera...”; é que eles sabiam “que aquela minúscula planta crescia em abundância na cintura húmida que envolvia a floresta” pelo que nunca perdiam de vista o padrão, de modo a chegarem ao destino.

Este ponto de apoio?, esta torre de vigia? Em *Matteo perdeu o emprego* é mesmo ele: **Matteo**, a personagem. Tudo aponta para ali, tudo avança na sua direcção; quando uma letra está perdida levanta a cabeça e vê o M, de **Matteo**, e assim percebe que está no bom caminho. A que se agarram as personagens? A **Matteo** sempre, mesmo **Aaronson** que está tão longe (no início do livro).

33.

As ligações entre os vários acontecimentos de "Matteo". De facto a ligação não é entre *a* e *b*, a ligação existe no mundo concreto dos acontecimentos; os acontecimentos ligam-se entre si, as personagens cruzam-se – e o alfabeto é apenas uma ordem exterior. É como se existisse uma série de acontecimentos e, em vez de os contarmos (1, 2, 3...), damos-lhe nomes. Os nomes das personagens são assim nomes de acontecimentos. Dar um nome humano a algo que acontece no mundo é uma das maneiras de humanizar o monstruoso e o informe que não entendemos.

Mas realmente o que está ligado é o mundo, não as letras que o descrevem e que o organizam.

De qualquer maneira, o narrador actua assim: o olhar fixa-se num pormenor de uma pequena narrativa e é esse pormenor que faz a ligação com a pequena narrativa seguinte. Se o narrador fixasse, não aquele pormenor, mas um dos outros milhares de pormenores que existem, então a personagem **Aaronson** poderia ligar-se, não a **Ashley**, mas a uma outra personagem, a um qualquer outro acontecimento. Há, de facto,

aqui, como em qualquer romance ou obra de ficção, um sistema de ligações. A ligação parece evidente, mas outra ligação qualquer também o poderia parecer. Trata-se, como nas "falésias de mármore" de Jünger, de nos orientarmos no meio do horror.

O narrador, qualquer narrador, faz isso, ou então opta pelo horror, que é o informe. Uma opção possível, claro, e até uma opção excelente.

34.

Matteo perdeu o emprego poderia começar de qualquer ponto. O que não era possível é que a **Goldstein** se seguisse a pequena narrativa em que surge **Einhorn**, pois cada personagem só existe porque a anterior existe e, de certa maneira a foi chamar, a apontou no meio da multidão, destacando-a. Se o menino com letra G levanta o braço, respondendo à chamada, é porque os meninos com nomes começados pelas letras que antecedem o G no alfabeto já foram chamados. Se há ordem no mundo, ninguém com um nome começado pela letra F pode ser resgatado depois de ser assinalada a presença de **Goldstein**. E tal consideração pode ficar no âmbito lúdico ou adquirir proporções decisivas e trágicas – como na escolha dos judeus que seguiriam do gueto para o campo de extermínio. Uma escolha que, certas vezes, seguiu precisamente a ordem alfabética. Se o nome começava por F e a chamada ia já no G, o homem com o nome começado por F estava salvo – pelo menos temporariamente.

A hierarquia pelo alfabeto não é, pois, uma brincadeira de crianças. Pode representar a salvação (já passaram a minha

letra), uma condenação (sou eu!) ou representar ainda o tempo da ameaça suspensa (ainda não chegaram à minha letra).

“O processo romano tem início [...] com a *nominis delatio*, a inscrição, a cargo do acusador, do nome do denunciado na lista dos acusados.” (*Giorgio Agamben*)

Gonçalo M. Tavares nasceu em 1970.

Em Portugal recebeu vários prémios, entre os quais: o Prémio José Saramago 2005 e o Prémio LER/Millennium BCP 2004, com o romance *Jerusalém* (Caminho); o Grande Prémio de Conto da Associação Portuguesa de Escritores “Camilo Castelo Branco” com *água, cão, cavalo, cabeça* (Caminho, 2007).

Prémios internacionais: Prémio Portugal Telecom 2007 (Brasil); Prémio Internazionale Trieste 2008 (Itália); Prémio Belgrado Poesia 2009 (Sérvia); Nomeado para o Prix Cévennes 2009 – Prémio para o melhor romance europeu (França).

Estão em curso cerca de 160 traduções dos seus livros distribuídas por trinta e cinco países.

Jerusalém – foi o romance mais escolhido pelos críticos do *Público* para “Livro da Década”.

Os seus livros deram origem, em diferentes países, a peças de teatro, peças radiofónicas, curtas-metragens e objectos de artes plásticas, dança, vídeos de arte, ópera, performances, projectos de arquitectura, teses académicas, entre outras obras.